



FÁBIO DA FONSECA JÚNIOR

**A EDUCAÇÃO DA IMAGINAÇÃO POR MEIO DA
LITERATURA**

LAVRAS – MG

2019

FÁBIO DA FONSECA JÚNIOR

A EDUCAÇÃO DA IMAGINAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Orientador Prof. Dr. Carlos Betlinski

LAVRAS – MG

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo (a) próprio (a) autor (a).

Fonseca Júnior, Fábio da.

A educação da imaginação por meio da literatura / Fábio da
Fonseca Júnior. - 2019.

76 p. : il.

Orientador(a): Carlos Betlinski.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2019.

Bibliografia.

1. Educação da Imaginação. 2. Imaginário. 3. Literatura. I.

Betlinski, Carlos. II. Título.

FÁBIO DA FONSECA JÚNIOR

A EDUCAÇÃO DA IMAGINAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 06/08/2019

Profa. Dra. Helena Maria Ferreira - UFLA

Profa. Dra. Glória Lúcia Magalhães - UNIS

Orientador Prof. Dr. Carlos Betlinski

LAVRAS – MG

2019

RESUMO

O tema dessa dissertação é compreender como o imaginário formado por meio da literatura pode contribuir para a educação ética e estética do sujeito. Entendo que a imaginação desempenha um papel crucial para o entendimento e desenvolvimento da capacidade de conhecer e pensar do ser humano. Para tal, se fará necessário compreender os aspectos filosóficos que tomam o debate sobre a educação da imaginação relevante para o contexto da educação; revelando a importância da imaginação, qual seu papel para a compreensão da realidade e como a literatura de fantasia pode contribuir para constituição do mundo imaginal. Para então, identificar como a imaginação tem um papel fundamental para compreensão do mundo e como a literatura pode colaborar na capacidade de compreensão da realidade e na formação moral do sujeito; e com isso, compreender como a educação da imaginação, por meio da literatura, pode ampliar a capacidade de compreensão da realidade e como isso pode ser absorvido pela educação formal. Visando cumprir esses objetivos, no primeiro capítulo será identificado como a imaginação tem um papel imprescindível para compreensão do mundo e como a literatura pode colaborar na capacidade de compreensão da realidade e na formação moral do sujeito. Evidenciando esse aspecto, no segundo capítulo será demonstrado como a literatura homérica teve uma enorme importância para o desenvolvimento da civilização grega, sendo o primeiro modelo referencial de valores para a formação daquele povo. Para então, no último capítulo demonstrar como as artes do Belo e a literatura tem um papel crucial na constituição do entendimento humano, contribuindo para que o ser humano cumpra com sua finalidade ontológica, além disso, será demonstrado como a literatura pode ampliar a capacidade de compreensão da realidade e como isso pode ser absorvido pela educação formal, utilizando-se dos diversos gêneros literários para o aprofundamento da compreensão em diversos níveis de leitura. O estímulo em produzir essa pesquisa nasce da minha experiência como professor, pois ao lecionar filosofia no ensino médio e fundamental percebi que os alunos tinham uma compreensão muito aquém do necessário para conseguir compreender o discurso abstrato próprio da linguagem filosófica. A relevância da pesquisa se dará ao passo que a educação da imaginação por meio da literatura visa possibilitar que o sujeito desenvolva de forma progressiva os elementos básicos da cognição humana e da sua estrutura moral, o que irá possibilitar o correto alargamento das capacidades cognitivas do sujeito. Essa pesquisa tem um caráter qualitativo, e foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e feita em forma de ensaio. Foi utilizada uma série de autores da tradição filosófica e da educação, mas entre eles podemos destacar Aristóteles, Northop Frye, e Mortimer Adler.

PALAVRAS-CHAVE: Educação da Imaginação; Imaginário; Literatura; Homero; Paideia e Educação Clássica.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is to understand how the imaginary formed through literature can contribute to the ethical and aesthetic education of the subject. I understand that imagination plays a crucial role in understanding and developing the human being's ability to know and think. To this end, it will be necessary to understand the philosophical aspects that make the debate on the education of imagination relevant to the context of education; revealing the importance of imagination, what is its role in understanding reality and how fantasy literature can contribute to the constitution of the imaginal world. To then, Identify how imagination plays a fundamental role in understanding the world and how literature can contribute to the ability to understand reality and the moral formation of the subject; and with this, understanding how the education of the imagination, through literature, can increase the ability to understand reality and how it can be absorbed by formal education. In order to achieve these goals, the first chapter will identify how imagination plays an indispensable role in understanding the world and how literature can contribute to the understanding of reality and the moral formation of the subject. Evidencing this aspect, the second chapter will show how the Homeric literature had an enormous importance for the development of the Greek civilization, being the first reference model of values for the formation of that people. For then, in the last chapter demonstrate how the arts of Belo and literature have a crucial role in the constitution of the human understanding, contributing for the human being to fulfill its ontological purpose, besides, it will be demonstrated how the literature can enlarge the capacity of understanding of reality and how this can be absorbed by formal education, using the various literary genres to deepen understanding at various levels of reading. The stimulus to produce this research comes from my experience as a teacher, because in teaching philosophy in high school and elementary school I realized that students had an understanding far beyond what was necessary to understand the abstract discourse proper to philosophical language. The relevance of the research will be whereas the education of imagination through literature aims to enable the subject to progressively develop the basic elements of human cognition and its moral structure, which will enable the correct widening of the cognitive capacities of the subject. . This research has a qualitative character, and was developed through bibliographic research and done in essay form. A number of authors from the philosophical tradition and education were used, but among them we can highlight Aristotle, Northop Frye, and Mortimer Adler.

KEYWORDS:Imagination Education; Imaginary; Literature; Homer; Paideia and Classical Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CAPÍTULO I: A IMAGINAÇÃO E A LITERATURA	18
2.1 Formação da Imaginação	18
2.1.1 A imaginação	18
2.1.2 A imaginação e a linguagem	20
2.1.3 O imaginário	24
2.1.4 A Imaginação Moral	26
2.1.5 A imaginação moral e a literatura	31
3. CAPÍTULO II: A LITERATURA HOMÉRICA E A PAIDEIA GREGA	37
3.1 A literatura e a consolidação do ideal de homem grego	37
3.2 Importância dos gregos para o ocidente	39
3.3 A Paideia e a formação do cidadão	40
3.4 Homero o educador do povo grego	42
3.5 A literatura e o ideal	44
4. CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO DA IMAGINAÇÃO	49
4.1 As artes do Belo e a formação moral	50
4.2 Teoria dos Discursos	53
4.3 As artes liberais	57
4.4 Gêneros literários e a formação cognitiva	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXO I	73

1. INTRODUÇÃO

Na origem de cada povo sempre se desenvolve um modelo educacional, que pode se tornar consciente somente muito tempo posterior ao surgimento de uma determinada cultura, todavia, é imprescindível sua elaboração, pois permite que a cultura seja transmitida e se desenvolva com a chegada de novas gerações. O mundo deixa de ser um lugar inédito para cada um que chega, os mais novos aos poucos entram em contato com as técnicas e a mística que seus antepassados já desenvolveram. A missão deste novo educado é preservar tais conhecimentos, potencializá-los e disseminar aos mais novos.

Assim, ensinar e educar assumem um caráter de conservação, pois introduzem este novo ser neste mundo antigo, ele terá a responsabilidade de criar um mundo novo. Não é puro conservadorismo, mas é a responsabilidade de formar e conservar nas gerações mais novas seu caráter revolucionário de novidade no mundo que só pode existir quando se compreende o que é este mundo.

Desse modo, todo modelo educacional parte de um princípio ideal que imagina quais elementos um homem educado e pleno deve possuir. É sempre um princípio aristocrático e nobre que eleva o sujeito da pura condição natural para um ser mais pleno, capaz de interpretar e tornar o mundo um lugar propriamente humano. Estando na natureza, o homem desenvolve meios de sobreviver e tornar o mundo adequado aos seus desejos e anseios. E este virtuoso sujeito é capaz de conduzir o desenvolvimento para que, o seus cada vez mais estejam próximos de uma vida melhor. Conforme afirma Jaeger:

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação, como o Homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e propagação do seu tipo. É nela, porém, que essa força atinge o mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade, dirigida para consecução de um fim. (JAEGER, 2013, p.p. 1-2).

Como afirmado anteriormente, tal intento é próprio de cada cultura humana, tendo especificidades próprias de acordo com questões geográficas e influências históricas de cada civilização. No entanto, para o ocidente, a grande influência civilizacional e cultural recebida foi herdada da cultura grega. Aspectos culturais, políticos e filosóficos confrontaram-se com o

desenvolvimento do Império Romano e os contrastes da moral cristã, desembocando naquilo que chamamos de civilização ocidental. Conforme afirmou Papa Bento XVI em um discurso feito no parlamento alemão em 2011:

Estes conhecimentos da razão constituem a nossa memória cultural. Ignorá-la ou considerá-la como mero passado seria uma amputação da nossa cultura no seu todo e privá-la-ia da sua integralidade. A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma, do encontro entre a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos Gregos e o pensamento jurídico de Roma. Este tríplice encontro forma a identidade íntima da Europa. Na consciência da responsabilidade do homem diante de Deus e no reconhecimento da dignidade inviolável do homem, de cada homem, este encontro fixou critérios do direito, cuja defesa é nossa tarefa neste momento histórico. (BENTO XVI, 2018).

Dos gregos aos escolásticos, os modelos existenciais e objetivos da educação eram bem claros e estabelecidos assim, a busca pela verdade e por alcançar um ser humano mais pleno, consciente de si e da realidade que o circunda. Sempre existiram grandes modelos morais que manifestavam certas virtudes e os humanos buscavam adequar suas vidas a estes, um exemplo disso, é a sociedade cristã, cujo maior ideal se deu em Jesus Cristo. Mas a modernidade iniciada em Descartes e que encontra seu ápice na sociedade pós-industrial, retirou os modelos externos e deu à consciência individual a obrigação de estabelecer sua cosmovisão e seu entendimento da realidade. Esta obrigação entrou em todos os componentes da vida humana, inclusive no processo educacional e de formação do indivíduo.

Dessa forma, percebemos que vivemos uma época assombrada pelas incertezas e a instabilidade. As instituições como a família, educação, religião e política parecem não conseguir dar balizas suficientes para este homem em processo constante de transformação. Não há nada que lhe diga como ele deve ser. Diferente de outras épocas, existe uma infinidade de possibilidades, e a todo momento ele sente que deve se reavaliar, encontrar um novo caminho, um novo discurso. Nada dura e tudo se esvaece pelo ar e nenhuma grande narrativa persiste, afirmou autores como Gilles Lipovetsky (2005).

A dissolução dessas estruturas, se deve em grande parte ao depósito da fé humana na razão. A modernidade é marcada pelo início do cartesianismo, com a divisão e a determinação do ser humano pela razão e encontra forte consonância no iluminismo do séc. XVIII, em Kant. Terá seu ápice com o cientificismo positivista do séc. XIX. Aos poucos a razão humana e a ciência suprimem a visão religiosa e se torna um tipo de nova divindade, como é advertida na crítica de Nietzsche. Todos os afetos humanos, de certo modo, são direcionados a esta noção de progresso que virá no futuro com o avanço da técnica. A fé no Deus transcendente é substituída pela crença da razão humana de se compreender e de construir o necessário para

que a vida aconteça. O científico é o novo dogma e a questão é racionalizar a vida e os recursos. A percepção da realidade forma a compreender sua essência e finalidade são abandonadas, dando origem a uma visão que prima pelo entendimento mecânico da realidade.

No entanto, conforme a história avançou, percebeu-se o progresso da técnica como jamais se havia visto antes na história da humanidade. As tecnologias avançaram vertiginosamente, mas ao mesmo tempo a falta de sentido e a barbárie. A ciência e a razão se tornaram instrumentos para a morte e para os discursos despersonalizantes. Ao lermos a história se revela que o *outro* foi perdendo seu *status* de *alter ego*, aos poucos foi se coisificando, sendo tornado conceito, como brilhantemente revelou Lévinas (LÉVINAS, 1980, p.p. 12-32). Desapropriou-se toda a dignidade da pessoa reduzindo-a ao caráter de coisa descartável, eliminável. O *outro* se tornou vulgar e rival. Com o avanço da técnica, também houve o avanço da miséria e da degradação humana. Os governos totalitários do século XX foram exemplos notáveis da instrumentalização técnica a favor da depredação humana. A eliminação do outro ganhou contornos de eficiência industrial com metas a serem batidas nos campos de extermínios nazistas. Os *gulags* soviéticos exterminaram centenas de milhares, silenciando inimigos e prisioneiros de guerra. O progresso da razão não foi sinônimo de avanço, mas sim de crueldade. A sociedade prometida se tornou distópica, maquinal.

Avançaram sobre o ocidente inúmeras ideologias políticas que tomaram a vida humana em seu aspecto puramente material, desprezando os valores e virtudes que classicamente compunham a existência humana. O sujeito passou a ser compreendido sendo unicamente fruto de comportamentos ligados a uma época, e não como sendo parte da humanidade que rompe com as determinações do meio e estão além das condições materiais. Essa percepção foi aliada à fé na razão e no progresso da razão instrumentalizada a serviço de ideologias políticas e sistemas econômicos. A reação à isso foi a perda de sentido e a relativização dos valores. O progresso da razão e da ciência se tornaram insuficientes para responder aos anseios e angústias humanas. O existir humano concreto é incapaz de ser compreendido pela ciência e pela técnica, ou ainda, pela simples compreensão dos meios materiais, o drama de existir vai além. Sua existência é marcada pela tragicidade e angústia, e através de suas escolhas se busca encontrar algum sentido que está além dele mesmo, da confusão que sua percepção limitada sobre a vida cotidiana que a realidade fornece.

Com isso, fez crescer a percepção do mundo, da história e da realidade sem uma perspectiva de finalidade. As gerações mais jovens cada vez mais desconfiam da possibilidade de se criar um Estado capaz de regular a vida dando uma orientação sólida, justa, boa, sem conflitos ou ambivalências, isso parece ser uma quimera romântica. O indivíduo percebe-se

como responsável por encontrar-se e realizar-se. Aquilo que era confiado à humanidade enquanto tal, agora é dado à administração do indivíduo e seus recursos. Não se pode ficar parado, o mundo é veloz e cada um deve ser também. Necessita-se estar num processo de atualização constante, quem para logo é marginalizado, substituído. O processo é contínuo, mas não é claro o caminho a ser seguido, somente que devemos correr em direção a algo. Esta é a liquidez do mundo. Bauman afirmará: “Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – Sua astúcia, vontade e poder” (BAUMAN, 2001, p.42). O princípio do prazer se torna o guia moral de todas as ações que só são válidas se nascem no interior desse indivíduo confuso sobre si mesmo. Cada um não é mais do que aquilo que manifesta e produz.

A sociedade pensada perdeu sua validade e a humanidade colocou em xeque tudo aquilo que estava disposto. Ao quebrar os tabus e dissolver certos paradigmas sociais, o sentimento de desorientação aos poucos se estabeleceu e as grandes estruturas que funcionavam como grandes faróis nas quais se orientavam a vida humana se tornaram frágeis e sem validade universal. O processo histórico que foi consolidado em muitos séculos foi desprezado pela sociedade moderna. Não mais há o ideal de homem, não mais se têm as virtudes a serem alcançadas, tudo se diluiu numa multiplicidade incontável de coisas que num contexto mais amplo não tem nenhum sentido.

E uma destas questões repensadas foi a educação. Sua forma e seus métodos entraram em revisão, pois esta estrutura tem grande relevância para a consolidação do *Status quo*. O totalitarismo se serviu dela, em grande parte, para avançar seus domínios estabelecer seu poder, assim como outras linhas ideológicas que viram nela um tipo de revolução que partisse da cultura. Assim, a educação e a escola não mais devem estar nos limites como ela se estabelece até então. Ganham ênfase modelos educacionais que privilegiam o livre pensar, e a assimilação dos conceitos a partir do próprio indivíduo. O professor torna-se um tipo de mediador que deve levar o sujeito a um processo de autorreflexão. A construção do conteúdo se dá através da relação dialética entre educador e aluno. A educação perde seu aspecto técnico de transmissão do conhecimento construído pela inventividade humana na história, que buscava transmitir o capital existencial acumulado através das épocas, e passou a ser um elaborar conceitos a partir daquilo que se vê e que se vive.

Nesse cenário difuso no qual a civilização ocidental se encontra, e conseqüentemente a educação, faz-se necessário, portanto, perceber que a reflexão sobre a educação deve restabelecer certos elementos que foram perdendo o sentido ao longo da consolidação da

modernidade, para então, discutir-se novas propostas que colaborem para uma ação metodológica. Nesse aspecto, Hanna Arendt parece nos trazer valiosas contribuições em seu artigo “*Crisis in education*”, publicado a primeira vez em 1957, nos Estados Unidos da América. Nesse artigo, a filósofa busca ressaltar algumas questões que geravam uma certa desorientação no modelo educacional estadunidense e alguns dos pressupostos abordados se tornam relevantes para uma avaliação sobre a crise educacional que se abate sobre toda educação, inclusive no Brasil do século XXI.

Arendt (1979) estabelece duas esferas nas quais a vida humana se forma e se realiza: privado e público. A esfera privada é lugar em que a criança nasce e se desenvolve. Os pais dão a vida e são responsáveis pelo desenvolvimento, mas também pelo processo de humanização, no qual este novo indivíduo vai assumindo este mundo. Existe ali uma separação exata entre o público e o privado. Na segurança privada da família é o lugar onde a vida se consolida, é o espaço da vida. Nesse obscurantismo, ela pode crescer e sem ser forçada a uma existência pública, ali existe segurança. A criança está separada do mundo público para ganhar maturidade não só física, mas também social. A vida existe, de fato, dentro da família. Os adultos asseguram que ela adquira o mínimo para a humanização, dando limites e formas de agir, e assegurando segurança emocional e afetiva.

Porque a criança tem necessidade de ser protegida contra o mundo, o seu lugar tradicional no seio da família. É lá que, ao abrigo de quatro muros, os adultos regressam a cada dia do mundo exterior e se unem na segurança da vida privada. Esses quatro muros, ao abrigo dos quais se desenrola a vida familiar, constituem uma proteção contra o mundo e, em particular, contra o aspecto público do mundo. Delimitam um lugar seguro sem o qual nenhuma coisa viva pode prosperar. Isto é válido, não somente para a vida da criança, mas também para a vida em geral – por todo lado em que esta é constantemente exposta ao sem a proteção da intimidade e da segurança privada, a sua qualidade vital é destruída (ARENDR, 1979, p. 8-9).

A criança é este novo ser que chega neste mundo velho. Ela deve ser paulatinamente introduzida nesta realidade. É importante considerar, em detrimento das pedagogias modernas, é que a infância é uma fase que prepara este sujeito para a vida adulta, é um período transitório. Na compreensão da autora, não existe um mundo das crianças, próprio onde elas devem ter autonomia, isso parece ser um grande erro, pois as crianças estão inseridas no mesmo mundo em que os adultos.

A educação, dessa maneira, é uma instituição que se põe entre os limites do privado e do público e que torna possível ao sujeito a transição da família para o mundo. A família e a educação consiste neste processo do qual o sujeito conhece gradualmente o mundo e se introduz nele, tornando-se cidadão. Fazer parte do mundo é passar por um processo de

maturação, assimilação e preparação para este mundo que já está disposto. Para a partir dele agir e transformá-lo. Esse processo exige conservadorismo e autoridade, pois isso dá segurança e abrigo para que esta criança amadureça sem perturbações.

A escola é antes a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tornar possível a transição da família para o mundo. (...) A escola representa de certa forma o mundo, ainda que não o seja verdadeiramente. Nessa etapa da educação, uma vez mais, os adultos são responsáveis pela criança. A sua responsabilidade, porém, não consiste tanto em zelar para que a criança cresça em boas condições, mas em assegurar aquilo que normalmente se designa por livre desenvolvimento das suas qualidades e características (ARENDDT, 1979, p. 10).

Com isso, consideramos que a instituição escolar terá por função ser uma instituição pré-política, que na concepção grega quer dizer que antecede a vida na *Pólis*, pois ela se coloca entre os limites do privado e do público e dá o mínimo possível para que o sujeito se torne cidadão e possa agir na esfera pública. Nessa perspectiva, a escola deveria ter um forte papel de preparar para a cidadania.

Realçamos que queremos afirmar que o papel da educação básica neste mundo em crise, mas também ao longo da história, foi sempre o de preparar cidadãos para serem introduzidos na sociedade. Entrar no mundo dos adultos e ser capaz de analisar e produzir elementos que constroem a história humana ao longo dos tempos. Nada novo surge do nada, a sociedade e a história humana são produzidas e antecedidas por ideias. Cabe à educação, indicar estes caminhos que rompem a individualidade egóica de nossa época, e contribuem para a formação e a educação de novos cidadãos. É um dever social e também uma contribuição para crise sistêmica que enfrentamos.

Portanto, é necessário, nesse cenário difuso, tomar algum tipo de definição sobre a educação para o qual futuramente, no curso da pesquisa, poderemos retornar. A partir de certa generalização podemos concluir que a noção habitual de educação se liga a uma relação de ensino e aprendizagem, ou seja, alguém que ensina outro e que ocorre de forma contínua, metodológica e processual, mormente identificado com o processo escolar. Todavia, o processo educacional é anterior e podemos remontar desde o nascimento, quando se aprende a respirar, tem início ali o processo educacional. Aprender a andar, a falar a dominar a si mesmo, conhecendo a própria corporeidade é uma forma de educação por excelência. Em vista disso, a educação é uma necessidade humana, e, na sua origem, é um tipo de auto percepção contínua entre o sujeito e a realidade. Assim, a base da educação é o autoconhecimento, mas isso é somente uma etapa. Formar uma pessoa educada tem início e fim no sujeito, pois começa neste autoconhecimento que conduz para uma dimensão fora do sujeito, como conhecimento da realidade, mas volta ao sujeito, como sujeito educado. Com

isso, a educação não é pura ação, mas traz em si a própria finalidade que é conduzir a pessoa para o máximo da potência humana, desenvolvendo seus mais variados aspectos e habilidades que são próprios do ser humano e da sua forma de viver. O ser humano educado, nessa perspectiva, deve ser uma pessoa humana dotada de certa maturidade, capaz de viver e interpretar, construir e transformar a realidade, o que vai muito além da simples educação escolar ou o domínio da técnica.

E para contribuir com esse entendimento sobre o que deveria ser o ideal de educação e diante da crise que se estabelece em nossa época é que se contextualiza essa pesquisa. A educação da imaginação pela literatura, tem por objetivo trazer ao sujeito elementos sólidos, que permitam lhe compreender a realidade, e agir sobre ela mediante princípios morais que o determinem além de sua pura animalidade instintiva, mas antes, que haja por princípios tipicamente humanos que a civilização ocidental consolidou ao longo dos tempos. Esse caráter vai além da formação individual puramente, mas estabelece uma correspondência com a estruturação de toda a sociedade. Assim, formar o imaginário seria uma forma de possibilitar aos sujeitos certa autonomia diante das prisões ideológicas e das ilusões comerciais que a cultura de massas estabelece nessa época confusa na qual estamos inseridos.

E para tal, partimos da perspectiva que existe uma forma de vida propriamente humana, que vai além das condições materiais, ou da pura materialidade, e das questões econômicas que circundam os sujeitos. Os seres humanos se consolidam plenamente por valores e ações que dão sentido à existência. Ser pessoa humana imputa responsabilidade em compreender o mundo e agir nele com maturidade e esclarecimento, e a correta apreensão da realidade e os valores que devem conduzir o sujeito nesse processo derivam da capacidade imaginativa do sujeito, ou seja, da capacidade de representar e compreender essa realidade que o cerca, indo além da percepção sensível, mas abstraindo elementos e conceitos que façam com que ele tenha uma representação fidedigna do real em seu intelecto, permitindo que suas ações e escolhas baseiam-se em princípios sólidos que conduzam a ele, mas também a realidade a um propósito que é formar um mundo tipicamente humano.

Com isso, percebemos que a imaginação é uma faculdade que permite a relação do pensamento com a realidade. Existe a realidade e existe a consciência pensante, e as relações que a mente estabelece com a realidade se dão através da imaginação e os seus diversos níveis, que convertem os elementos que são percebidos pelos sentidos em imagens compactas, que posteriormente se transformaram em conceitos pelo intelecto.

Essas imagens, através do uso da razão, elaboram a construção de um mundo interior que representa a realidade que existe fora do sujeito pensante, ou seja, as percepções são transformadas em símbolos que trazem em si uma série de conceituações sobre a realidade.

Desse modo, toda a realidade passa a ser entendida e transformada pelo ser humano através da imaginação que gera imagens universais sobre a realidade através da abstração. Mas, também a imaginação vai além da pura depuração e reelaboração do real, ela percebe e cria elementos que estão além do real em si, mas que mantém ligação com ele, como o entendimento das virtudes e emoções que conduzem a ação humana.

O imaginário é uma composição que se alterna de sujeito para sujeito e é composto pela imaginação. Ele se distingue na formação individual, tornando o imaginário mais ou menos amplo, conforme cada sujeito. Essa variação será tanto estrutural como na abrangência do imaginário, e terá enorme impacto na eficiência do mesmo. Tal fato se dá por causa de certas disposições naturais, a educação recebida, e o acesso a tipos de estímulos perceptivos que irão formar imagens e produzir imaginação, além das histórias, desenhos, contos de fadas e tipos de brincadeiras que irão estimular a imaginação. Esse desenvolvimento é muito variado e ocorre de maneira espontânea e pouco padronizada na sociedade enquanto tal. O desenvolvimento pessoal irá conduzir a todo instante a formação do imaginário, ampliando sua capacidade e tornando a imaginação mais robusta e complexa. Outro fator relevante nesse processo histórico pessoal é o desenvolvimento da memória, pois atrelada a imaginação, possibilita ao imaginário que certas experiências vividas no passado sejam resgatadas e transformadas em outras novas combinações, que podem ser mais ou menos criativa.

Dessa maneira, compreendemos que o mundo imaginal, que a composição da imaginação e do imaginário, vai acontecer de qualquer forma, tendo uma preocupação ou não por esse processo, mas que o cuidado com esse processo possibilita que os sujeitos desenvolvam aquilo que Russel Kirk chamou de imaginação moral, ou seja, a compreensão que existe um ordenamento natural na realidade e no ser humano, que o conduz para uma dimensão tipicamente humana e elevada das puras trivialidades da vida cotidiana e da experiência privada. Tal aspiração se encontra infundida na alma humana que busca a “apreensão da ordem correta na alma e na ordem correta da comunidade” (Kirk, 2018). Há uma harmonia em toda a realidade que torna a existência suportável e estabelece um caminho para o desenvolvimento humano que confere propósito e significado. A ausência desse ordenamento pessoal e social relega o ser humano aos seus desejos e apetites, o que o aproxima da brutalidade dos animais.

Portanto, compreendemos que um correto ordenamento no processo de formação da imaginação torna-se um processo imprescindível em nossa realidade atual, pois, ela permite que a formação dos sujeitos ocorra fora do esquema ilusório no qual o mundo moderno submeteu a existência humana, relegando a cada sujeito a responsabilidade por se perceber, e ser para si o seu próprio guia moral. Além disso, a sociedade pós-industrial tem criado a

ilusão sobre a existência, a partir da elaboração da cultura de massas e de inúmeras técnicas que visam manipular o imaginário, transformando as pessoas em simples consumidores, os deixando presa fácil ao afã insaciável de modelos econômicos ou ainda, peças inconscientes de uma engenharia social perversa que se propõe em criar um mundo novo, onde se despreza tudo aquilo que é tipicamente humano.

Por isso, refletir como a cultura de massa tem doutrinado o imaginário através do embotamento moral, gerando uma forma de escapismo do mundo real, que escraviza e controla o imaginário. Torna claro que o cuidado com a educação da imaginação pode combater essa avassaladora corrente que se estabelece na educação e no mundo atual. Demonstrando como a produção de imagens técnicas tem deturpado o imaginário, programando seus receptores a determinados comportamentos e ideologias, impossibilitando a sociedade e os sujeitos de pensar conceitualmente. Unificando a diversidade cultural em uma única massa amorfa e acrítica. Tornando cada vez mais a sociedade uma “Sociedade da Sensação”, que tem superpovoada o imaginário de estímulos sensoriais que é manifestado pela excitação e pelo exagero, que refletem numa sociedade incapaz de se perceber e é alienada entorno da própria autoimagem. Nessa perspectiva, a educação se tornou uma maneira de adestramento a certos comportamentos que são inconscientes, mas que refletem essa predisposição ideológica alienadora do verdadeiro sentido do real e daquilo que seria a natureza e objetivo da educação.

Diante do exposto, a questão que motiva a presente pesquisa está em demonstrar como a imaginação educada através da literatura possibilita uma abertura ética e estética da compreensão da realidade, aquilo que consideramos ser a imaginação moral. Um processo que deve se estabelecer ao longo de toda a formação escolar da vida do sujeito, compreendendo na leitura dos clássicos e dos diversos gêneros literários um modelo pedagógico crescente de estruturação e consolidação do imaginário, dispostos em uma e a sequência de gêneros e níveis de leitura proposta por Mortimer Adler (2010), pode conduzir da poética até a lógica analítica, e como os livros imaginativos (ficção) podem conduzir para um maior entendimento de livros expositivos (não ficção) e para a compreensão da realidade, através do desenvolvimento de uma imaginação moral que se daria por histórias que formassem e refletissem o máximo do potencial e das virtudes humanas aos moldes daquilo que é proposto pela educação das artes liberais dispostas no *Trivium*. Dessa maneira, apontando para elementos que podem configurar no futuro em uma proposta de currículo que pode ser utilizado pela educação formal no Brasil.

Essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, que utilizando-se de certo referencial teórico busca-se escrever um ensaio, que visa estabelecer uma argumentação que culmine na

percepção da importância e relevância da literatura para educação da imaginação dentro da educação formal. Entre os autores que fundamentam essa discussão podemos destacar Russell Kirk, Northrop Frye, Mortimer Adler e Aristóteles.

Para contextualizar as discussões, o presente trabalho foi organizado em três momentos, no primeiro capítulo buscou-se compreender o que é a imaginação, qual sua função e o que é uma imaginação moral, formada a partir da literatura. No segundo capítulo, foi apresentado como que a literatura homérica colaborou na consolidação da *paideia* grega E, por fim, no último capítulo evidenciou-se o papel das artes do belo, e especificamente da literatura para o desenvolvimento cognitivo humano, colaborando para que o ser humano tenda para o bom, belo e verdadeiro.

Dessa forma, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a educação, reforçando que o processo de formação do imaginário, quando recebe a devida atenção, colabora para que todos os outros conteúdos formais se consolidem e ajudam o sujeito a alcançar um entendimento mais claro da realidade e o senso moral mais arraigado.

2. CAPÍTULO I: A IMAGINAÇÃO E A LITERATURA

A formação humana vai além da pura apreensão de conhecimento escolar, o sujeito no correr de seus dias, vai atualizando uma nova versão de si. Cada novo elemento que é percebido ou a cada nova conclusão chegada altera seu entendimento sobre si e sobre o mundo. Obviamente, existem mudanças mínimas, quase imperceptíveis, mas também certos momentos de “epifania” cujo entendimento sobre essas realidades sofre grande alteração. Esse retrato interior é uma imagem construída cotidianamente, e quanto mais fidedigna essa imagem interior estiver, melhor será a compreensão sobre a natureza e o mundo propriamente humano. A boa constituição desse mundo interior possibilita ao sujeito maior esclarecimento, maturidade e responsabilidade sobre si e sobre os outros. Bom, ao menos deveria ser assim. Essa percepção que temos sobre o mundo é fruto da imaginação.

Essa pesquisa se objetivou em compreender como a literatura pode contribuir para que o sujeito tenha um imaginário capaz de criar uma imagem interior mais rica, capaz de lhe fornecer elementos que formem um sujeito moral, que compreende o justo, o belo e o verdadeiro. Chegamos, dessa maneira, na questão da imaginação e qual o seu papel na formação do sujeito.

Para tal, iniciou-se essa investigação buscando esclarecer o papel da imaginação e do imaginário para a compreensão e o conhecimento do mundo, e alargar como a literatura contribui para a construção de uma imaginação moral, que é capaz de identificar a ordem do mundo e as virtudes que consolidam o ser humano.

2.1 Formação da Imagem

Passaremos agora a identificar como o sujeito cognoscente se relaciona e percebe o mundo, para compreender o desenvolvimento da imaginação e o que seria uma imaginação moral, que se revelaria o ideal para a formação de um ser humano aberto as dimensões éticas e estéticas. Esse processo seria mediado pela literatura de imaginação moral, que posteriormente, veremos ser o objeto principal da educação da imaginação.

2.1.1 A imaginação

A relação da consciência com a realidade é mediada por uma faculdade denominada imaginação. Existe a realidade, e existe a consciência pensante, e as relações que a mente estabelece com a realidade se dá através da imaginação e os seus diversos níveis, que convertem os elementos que são percebidos pelos sentidos que dão origem às imagens no intelecto.

Essas imagens, através do uso da razão, elaboram a construção de um mundo interior que representa a realidade que existe fora do sujeito pensante, ou seja, as percepções são transformadas em símbolos que trazem em si uma série de conceituações sobre a realidade. Desse modo, toda a realidade passa a ser entendida e transformada pelo ser humano através da imaginação, que gera imagens universais sobre a realidade através da abstração. A imaginação vai além da pura depuração e reelaboração do real, ela percebe e cria elementos que estão além do real em si, mas que mantém ligação com ele, como o entendimento das virtudes e emoções que conduzem a ação humana.

Tal conceituação se consagra na tradição filosófica através do pensamento aristotélico, que une alma e corpo através da psicologia humana que forma “fantasmas” que permanecem no intelecto humano mesmo após as sensações provenientes do corpo terem cessado. As imagens derivadas desse processo, seguindo o pensamento de Aristóteles, ganham vida própria, pois podem se associar e combinar-se livremente no intelecto humano criando novas realidades dando origem à fantasia e está intimamente ligada a memória. Os escolásticos, por sua vez, continuando a tradição aristotélica, atribuem a imaginação como sendo uma faculdade das sensações que fixa, conserva, reproduz e combina as imagens das coisas sensíveis. E, de certo modo, um capital de imagens recebido pelos sentidos que não permanece de forma passiva, mas o uso dessa faculdade, que ocorre de forma espontânea, permite que as imagens combinadas gerem à consciência. (Cf. Enciclopédia luso-brasileira de cultura. Lisboa: Verbo, [s. d. p.]).

Essa ideia sobre o papel imaginação para a formação do conhecimento e para o uso da razão. Dessa maneira, o pensamento aristotélico não é puramente um empirismo ou racionalismo, mas de alguma forma, o conhecimento é uma junção entre as sensações e a razão e essa junção se dá justamente através da imaginação, da capacidade da fantasia.

Assim, essa concepção rompe com o isolamento entre o *cogito* cartesiano e a realidade, pois a relação da mente cognoscente com a realidade está submetida com a capacidade de fazer imagens, de representar o real dentro de si, tornado possível a manipulação do real e sua transformação por meio dos processos imaginativos que conduzem a transformação do ambiente natural em uma realidade tipicamente humana, como se dá na consolidação da vida humana em cada lugar. O pensamento cartesiano separa o *eu* da realidade, fazendo com que a mente opere basicamente sozinha, separando as realidades sensíveis presentes no corpo como *res extensa*, cujas implicações estariam ligadas às leis da natureza e a ciência, e a mente humana, capaz de produzir o conhecimento e a realidade e estaria isolada como *res cogitans*, em que o único acesso se daria pela reflexão filosófica. Não

existe, nesta perspectiva, a unidade do real, transformando tudo em simples ato do psiquismo. A unidade do *eu* pensante só está presente no momento do *cogito* e não existe na coisa extensa. Essa mentalidade entrou em voga a partir da modernidade, privilegiando a dimensão pensante, sobre o real, e os efeitos afetam diretamente nossa vida, cuja culminância se dá na razão instrumental.

Dessa maneira, a imaginação não é pura fantasia, pois o princípio de realidade que opera esse processo faz com que a atividade da imaginação ocorra dentro da consciência de um mundo primário no qual o sujeito pensante está submetido, e no qual age e transforma. Seu entendimento do real será mais profundo, quanto mais sua imagem interior tiver correspondência com a realidade da coisa em si. A fantasia, por sua vez, é a capacidade mental de criar um mundo secundário, subproduto do real, cujas funções são as mais variadas, desde o escapismo da realidade, a alienação ou a pura ficção. Tal distinção fica clara no ensaio de Tolkien (2013) intitulado *Sobre as histórias de fadas*, que está dentro do livro *Árvore e Folha*, na qual ele faz uma distinção conceitual proveniente do mundo primário, em que estamos submetidos, e o mundo secundário, produto da fantasia que é o objetivo de sua investigação.

2.1.2 A imaginação e a linguagem

Passaremos para a compreensão de como a imaginação opera para que ela seja considerada imprescindível para o ser humano, e sua compreensão da realidade e como esse processo desemboca na literatura. E para tal, usaremos parte da compreensão elaborada por Northrop Frye (1912-1991), filósofo e literata canadense, que se dedicou em grande medida a crítica literária e a compreensão da literatura e seu papel para a consolidação da imaginação humana. Utilizaremos de parte de suas asseverações feitas em seis conferências que estão condensadas no livro *A Imaginação Educada* (Vide editorial: Campinas-SP, 2017).

E para a compreensão dos processos que operam a imaginação, faz-se necessário esclarecer como os processos imaginativos operam o desenvolvimento de níveis de linguagem, que o sujeito usa para qualificar e representar a realidade. É importante ressaltar que esses níveis de linguagem não são línguas distintas e nem operam de maneira dissociada, mas antes, formam a representação do imaginário que estão interligados e só são separados para a compreensão de como se dá essa operação por parte do intelecto humano.

Assim, compreende-se que a percepção da consciência humana se dá primeiramente por um processo de distinção da realidade, percebendo do real e se separando dele, decodificando-o em signos e símbolos. É um processo no nível mental de consciência ou

perceptividade, atribuindo a realidade adjetivos, para na sequência descrevê-las. Isso é uma forma de autoconhecimento, no qual, a realidade fora do eu cognoscente é estabelecida e existe uma percepção primária e nítida das qualidades que existem nas coisas e daí deriva um primeiro tipo de linguagem. Como Frye adverte:

A linguagem que usamos nesse nível mental é a consciência ou perceptividade. É, em grande medida, uma linguagem de nomes e adjetivos. Temos de dar nomes às coisas e atribuir-lhes qualidades tais como “úmido”, “verde” ou “belo” para descrever como elas se nos afiguram. Essa é a posição especulativa ou contemplativa da mente, posição que as artes e as ciências começam, embora ali não permaneçam muito tempo. As ciências começam pela aceitação dos fatos e indícios acerca de um mundo exterior, sem buscar alterá-los. Efetuam-se pela precisa mensuração e descrição, e cumprem as demandas da razão, não das emoções. Lidam com o objeto que aí está, goste-se dele ou não. (FRYE, 2017 p. 15).

Surge nessa perspectiva uma linguagem da percepção dos dados apreendidos dos sentidos. As imagens que surgem dali são os primeiros elementos a compor o imaginário, advindos diretamente da realidade e descrevendo seus atributos, o que são, do que é composto e qual a dinâmica de funcionamento. Nessa dinâmica de apreensão e distinção da consciência de se desenvolve o gosto e o desejo, existem elementos que são aceitos e queridos e outros que são repugnados.

A partir da apreensão do gosto ocorrem a diferenciação do mundo em que se vive para o mundo no qual se quer viver. O ambiente é transformado em lar, que não é o mundo que se vê, mas o mundo construído com o que se vê. Começamos a identificar o papel da imaginação, que cria modelos possíveis para a existência humana. Assim, a realidade que nos cerca vai se transformando em um lugar tipicamente humano, na medida como aquilo que é visto, se busca construir uma nova realidade que atenda os anseios da inventividade e necessidade humana.

Disso, desencadeia-se a linguagem de agir prático, cuja finalidade é um imperativo de ação. Numa evolução dessa capacidade, temos hoje as ciências aplicadas como a engenharia, agricultura, medicina, arquitetura e em alguma medida as artes. O querer humano motiva a ação através do desejo de trazer a existência um caráter tipicamente social e humano, distinto daquilo que é apresentado no ambiente natural.

Para exemplificar esse componente da imaginação e da ação humana, Frye imagina um naufrago que desperta em uma ilha isolada e desconhecida:

Suponha, cada um de vocês, que veio a naufragar numa ilha deserta lá para os mares do sul. A primeira coisa que você faz é circunvagando os olhos pelo mundo à sua volta – um mundo de céu, mar, terra, estrelas, árvores, morros. Vê esse mundo como algo objetivo, como algo que lhe é imposto, que não faz parte de você nem se relaciona com você de nenhuma forma. (...) A linguagem que usamos nesse nível mental é a da consciência ou

perceptividade. (...) A complicação é o contraste entre o “gosto disso” e o “não gosto disso”. Seu estado de espírito habitual é o sentimento de separação que vem com a atividade da consciência, e o sentimento de “isso não é parte de mim” logo se torna “não é isso o que eu quero”. (...) Você vai trabalhar para construir um abrigo, cultivar um jardim e assim que se põe a trabalhar, passa para outro nível da vida humana. Já não está somente separando-se da natureza, mas construindo um mundo humano e separando-o do resto do mundo. (FRYE, 2017, p.p. 13-16).

Nesse aspecto, percebemos o papel da imaginação, pois diferente de outros animais que constroem um tipo de ambiente para viver, como as abelhas e a colmeia, a construção desse ambiente feito pelo ser humano passa por um processo consciente, pois a construção dessa realidade é pensada, projetada no interior do intelecto humano e não é um puro cumprimento instintivo de sua natureza.

Dessa maneira, percebemos o desenvolvimento de um segundo tipo de linguagem voltada para a participação social, carregada de um profundo senso prático, no qual o mundo é depurado pelo intelecto e imaginado de maneira distinto do que é dado. Essa linguagem, visa orientar a ação, o que vimos diariamente pelos professores, políticos, cientistas, jornalistas, pregadores, etc. Esse mundo estruturado na mente humana é depurado, buscando compreender suas leis e sua estrutura, para então, por um processo da imaginação seja pensado de forma diferente.

No entanto, o ser humano e a imaginação não operam somente num nível prático de compreensão do real e transformação do ambiente. O ser humano é dotado de outras capacidades como a auto percepção, a elaboração de cultura e a capacidade de criar modelos ideais e morais para seu desenvolvimento. Essa capacidade torna possível a solidificação dos mitos e das religiões, por exemplo, desenvolve toda literatura de imaginação como a poesia e a prosa, e ainda consolida campos teóricos como a certas áreas da ciência, a lógica analítica, a compreensão da história e da filosofia.

A dimensão da imaginação humana consolida um terceiro nível de linguagem que vai além do puro agir prático, que é a linguagem literária. No campo das artes, o máximo da expressão humana será a literatura. Esta se encontra expressa primeiramente nos mitos, mas depois domina a poesia e a prosa através de alegorias, metáforas, fábulas e contos de fada.

A literatura, então, não é um mundo de sonho: ela é dois sonhos – o do desejo realizado e o da ansiedade – enfocados par a par, como as lentes dos óculos, e tornados uma visão plenamente consciente. A arte, segundo Platão, é um sonho para mentes despertas, uma obra da imaginação extraída da vida cotidiana, dominada pelas mesmas forças que dominam os sonhos, e, no entanto, apta a nos dar uma perspectiva e uma dimensão da realidade que não alcançamos por nenhuma outra abordagem. Por tanto, como diz Keats, o poeta e o sonhador não são o mesmo. A vida cotidiana forma uma comunidade, e a literatura é entre outras coisas uma arte da comunicação, de

modo que também ela forma uma comunidade. Na vida cotidiana, toda noite mergulhamos em um subconsciente privado e separado, onde remodelamos o mundo conforme a imaginação privada e separada. À literatura subjaz ainda outro tipo de subconsciente, que é social e não privado: a necessidade de fundar uma comunidade em torno de certos símbolos, como a Rainha e a bandeira, ou em torno de certos deuses que representam a ordem e a estabilidade, ou o devir e a mudança, ou a morte e o renascimento para uma nova vida. (FRYE, 2017, p. 90).

A linguagem literária sintetiza todos os símbolos de uma cultura, e compacta todos os ideais de um povo. Parece-nos comum que toda civilização que atinge certo nível tecnológico desenvolve um tipo de narrativa literária, que num primeiro momento pode até se revestir de um caráter religioso, mas com o passar dos tempos e o avanço cultural, torna-se elemento simbólico para todas as outras histórias de um povo. Estas imagens literárias integram no sujeito um processo de formação do imaginário, fazendo com que as experiências da realidade, do mundo exterior aos sujeitos sejam assimilados, por intermédio das figuras de linguagem, ao seu interior dando identidade. “Nossas impressões sobre a vida humana vão acumulando-se uma a uma e, para maioria de nós, permanecem vagas e desorganizadas. Na literatura, porém, muitas dessas impressões de repente ganham ordem e foco” (FRYE, 2017, p. 55).

Nesse viés, na literatura em geral, sempre haverá uma correspondência, semelhança ou representação de algo tipicamente humano. É uma correspondência entre o natural e o humano que culmina no símbolo, ou seja, quando escritor usa uma imagem ou um objeto do mundo ao seu redor, ele o torna um símbolo. Assim, o desenvolvimento humano sempre conduz para uma adequação do sujeito a realidade e a linguagem literária, que desperta a imaginação, possibilita que se consolide um adequar de seu mundo interior com a realidade externa ao sujeito.

Sendo assim, começamos a perceber o papel da imaginação educada, pois ela deve criar a conexão correta entre o real e o eu, pois há esforço do sujeito em adequar suas imagens mentais, suas concepções e seus sentimentos para a construção de uma realidade que atualize todas as suas potências, gerando o máximo de felicidade possível. Assim, a base da educação se daria pela correta formação do imaginário, pois se o imaginário for bem formado desde a infância, o sujeito conduzirá seu desenvolvimento educacional sabendo agir e conduzir sua vontade quando assim for necessário. Sua capacidade de perceber e interpretar a realidade e a sua própria construção interior teriam maior capacidade de orientar sua ação de modo que nos aproximemos do ideal de um sujeito educado como descrito anteriormente.

2.1.3 O imaginário

Como foi discutido acima, a imaginação seria a faculdade da razão de transformar as percepções sensíveis em imagens no interior do intelecto, funcionando como uma mediação entre o intelecto e o mundo real ou primário, na terminologia de Tolkien (2013). A imaginação, portanto, permite que a razão compreenda o mundo partir de um modelo imagético no interior do intelecto, para a partir disso fazer uma valoração sobre o real e transformar a realidade num caráter tipicamente humano. E que o ápice dessa produção imaginativa seria a produção literária que envolve a reflexão do real, dimensionando questões que estão além da percepção sensível. A produção literária envolve obras ficcionais como os mitos, a poesia e a prosa, mas também a elaboração teórica como a filosofia, teologia e ciências teóricas.

Partindo disso, entramos na percepção do imaginário, que se liga ao mundo simbólico e não conceitual, é a contraparte de um dos planos da realidade concreta, formada também pelo mundo imaginal. Dessa maneira, o imaginário é uma composição que se alterna de sujeito para sujeito e é composto pela imaginação. Uma metáfora que ilustra bem essa função é do guarda-roupas nas Crônicas de Nárnia, escrita por C.S. Lewis (2010), sendo ele, o guarda-roupas, a porta de entrada para Nárnia, esse mundo que reside puramente na imaginação.

Isso nos leva a compreender que a composição do imaginário é um processo que se distingue na formação individual, tornando o imaginário mais ou menos amplo, conforme cada sujeito. Essa variação será tanto estrutural como na abrangência do imaginário, e terá enorme impacto na eficiência do mesmo. Tal fato se dá por causa de certas disposições naturais, a educação recebida, e o acesso a tipos de estímulos perceptivos que irão formar imagens e produzir imaginação, além das histórias, desenhos, contos de fadas e tipos de brincadeiras que irão estimular a imaginação. Esse desenvolvimento é muito variado e ocorre de maneira espontânea, e pouco padronizada na sociedade enquanto tal. O desenvolvimento pessoal irá conduzir a todo instante a formação do imaginário, ampliando sua capacidade e tornando a imaginação mais robusta e complexa. Outro fator relevante nesse processo histórico pessoal é o desenvolvimento da memória, pois atrelada a imaginação, possibilita ao imaginário que certas experiências vividas no passado sejam resgatadas e transformadas em outras novas combinações, que podem ser mais ou menos criativa.

Todavia, mesmo tendo percorrido sobre o papel a imaginação, mais uma vez é importante ressaltar que essa faculdade está atrelada ao imaginário de cada sujeito, cuja

função é a colaboração para o desenvolvimento de um mundo imaginal, que além das fantasias, também irá criar uma representação interior da realidade. Quanto maior for o imaginário, mais robusta será a imaginação, e, por conseguinte, melhor será a capacidade individual do sujeito de extrair do mundo primário elementos para decodificá-los em seu mundo imaginal, para então, conceituá-los e, assim, adquirir uma percepção mais acertada da realidade.

Escorsim (2018), que se dedica a pesquisar e a compreender os processos imaginativos e formação do imaginário, faz uma distinção entre o imaginário, a memória e a imaginação que parece ser relevante para a nossa discussão. Segundo ele:

“Memória” é aquele repositório de imagens recebidas desde o nascimento, a partir do qual se torna possível a noção de “biografia” (embora essa mesma noção dependa ainda de um processamento sofisticado da memória, e, portanto, não possa confundir-se com ela). “Imaginação” é uma faculdade que transita entre a memória e os cinco sentidos, buscando, combinando e modificando as impressões antigas e recentes. “Imaginário”, enfim, é o universo mais amplo que se compõe de memórias e criações, de impressões com os mais diversos graus de interferência do próprio sujeito, e que talvez pudéssemos definir como o “mundo interior” em que vive o “eu”. (ESCORSIM, 2018).

Assim, percebe-se que a memória e a imaginação compõem o mundo interior, feito pela imaginação. Esse mundo interior terá grande importância na elaboração dos pensamentos e sentimentos, conforme o próprio Escorsim evidencia abaixo:

Ora, esse “mundo interior” deve estar, por natureza, sujeito a constantes mutações, já que recebe a interferência ininterrupta de novas imagens coletadas pelos sentidos e da própria ação da imaginação; não obstante, há nele certa fixidez, derivada do seu tipo de organização – que o sujeito recebe (mais uma vez) em parte da organização do próprio mundo imaginal que o rodeia, em parte de suas próprias inclinações, em parte da memória e da educação. Portanto, seja qual for a constituição do imaginário, é evidente que ela deve ter considerável influência sobre os pensamentos e sentimentos do indivíduo, às vezes ao ponto de determiná-los completamente, tornando-se verdadeiro princípio formador de sua personalidade. (ESCORSIM, 2018).

Dessa maneira, compreendemos que mesmo sendo uma formação contínua, o imaginário recebe certas estruturas que serão fundamentais para o entendimento da imaginação e do mundo. Essas inclinações que vem mediante a história pessoal e a educação terão um caráter preponderante na personalidade do sujeito e em sua cosmovisão.

Por isso, compreender a forma como as imagens são organizados no mundo interior, percebendo assim, como determinadas coisas são pensadas e sentidas, pois existe no intelecto

humano processos semiconscientes que são responsáveis por estruturar as maneiras específicas de pensar, sentir e agir. Isso dá origem a visão de mundo ou cosmovisão. Percebe-se então, que a cosmovisão não é adquirida, habitualmente, através de uma ação consciente do sujeito, mas antes a família, a cultura, e a sociedade terão forte caráter de influência e até mesmo de determinação. Algo que pode se reverter quando o sujeito se torna consciente dos fatores que formam seu imaginário e sua imaginação. Essa tomada de consciência é indispensável, mesmo que a maior parte das pessoas jamais reflitam sobre isso, pois essa dimensão humana será responsável pelas ações, valores e virtudes que serão expressas na relação com o mundo e com os outros. E o não cuidado com o desenvolvimento do mundo imaginal e o constante contato com as técnicas da cultura de massas pode levar a manipulação social, por intermédio de uma deformação e alienação do imaginário que afasta do princípio de realidade e leva a ilusão.

2.1.4 A Imaginação Moral

Como acabamos de refletir, o imaginário vai se constituindo ao longo de toda existência do sujeito, através de sua imaginação ele compreende e transforma a realidade, e ainda, elabora o mundo conceitual. Dessa maneira, extraímos que esse imaginário e a capacidade de imaginação corresponde com aquilo que é recebido ao longo da vida, gerando no sujeito uma visão sobre a realidade.

Todavia, a imaginação tem um forte caráter sobre os pensamentos e ações do sujeito, sendo ela responsável por orientar e trazer elementos para o discernimento sobre a escolhas da vida. O imaginário é composto por elementos que são recebidos pelas mais diversas formas, nessa perspectiva, podemos compreender que há uma diferença entre o mundo imaginal, o que varia de pessoa para pessoa, conforme o processo de formação desse sujeito.

Nessa perspectiva, o filósofo Edmund Burke (2012) criou a expressão “Imaginação Moral”, em sua obra Reflexões sobre a Revolução Francesa, ao descrever a ação dos revolucionários em destruir as maneiras civilizadoras nas quais estavam erigidas a sociedade.

Agora, no entanto, tudo está para mudar. Todas as ilusões agradáveis que tornaram o poder moderado e a obediência generosa, que harmonizavam os diferentes matizes da vida e que por assimilação suave incorporaram na política sentimentos que embelezam e amenizam a sociedade privada estão para ser suprimidos por esse novo império conquistador de luz e razão. Toda a roupagem decente da vida está para ser rudemente arrancada. Todas as idéias ajuntadas, oferecidas no guarda-roupa de uma imaginação moral que o coração possui e o entendimento ratifica como necessária para esconder os defeitos de nossa natureza árida e corrompida e para erguê-la à dignidade de nossa estima, estão para ser rebentadas como uma moda ridícula, absurda e antiquada. Nesse esquema de coisas, um rei é apenas um homem; uma

rainha é apenas uma mulher; uma mulher é apenas um animal; e um animal não dá mais alta ordem. Toda homenagem prestada ao sexo em geral como tal, e sem visões distintas, deve ser considerada romance e loucura.(...) No esquema dessa filosofia bárbara, que é fruto de corações frios e entendimentos lamacentos, e que é tão vazia de sabedoria sólida quanto desprovida de todo gosto e elegância, as leis devem ser sustentadas apenas por seus próprios terrores e a preocupação que cada indivíduo pode encontrar neles de suas próprias especulações privadas, ou pode atacá-los a partir de seus próprios interesses privados. Nos bosques de sua academia, no final de cada vista, você não vê nada além da força. (...) Nada é mais certo do que as nossas maneiras, a nossa civilização e todas as coisas boas que estão relacionadas com as maneiras e com a civilização, têm, neste mundo europeu nosso, dependido por eras sobre dois princípios; Quero dizer o espírito de um cavalheiro e o espírito da religião. (BURKE, 2012, p. 86).

Burke cria o termo imaginação moral para reforçar a destruição dos valores e costumes civilizados que foi perpetrado pelos revolucionários franceses para legitimar certas ideologias falaciosas que corrompiam com a estrutura civilizacional. Ele considerou sim, a grave situação social e política na qual a França estava submetida, mas criticou bravamente a natureza imoral e destruidora da revolução, na qual, segundo ele, atacava aquele espírito que era fornecido e guardado pelo “guarda-roupa da imaginação moral”. (KIRK, 2011, p.101).

Russel Kirk (2011), ao analisar a produção poética de T.S. Eliot, apropria-se do termo imaginação moral para tratar de um princípio de ordem que existia na produção daquele poeta. Tal fato, vai estar expresso na obra *A era de T. S. Eliot: a imaginação moral no século XX*. Posteriormente, o autor vai continuar essa elaboração em diversos artigos e livros, no qual investiga qual a função da imaginação moral e como ela se expressa.

Ora, o que é a imaginação moral? A expressão é de Edmund Burke. Por ela, Burke queria indicar a capacidade de percepção ética que transpõe as barreiras da experiência privada e dos acontecimentos do momento – “especialmente”, como o dicionário a descreve, “as mais altas formas dessa capacidade praticadas na poesia e na arte”. A imaginação moral aspira apreender a justa ordem da alma e a justa ordem da comunidade. Foi o dom e a obsessão de Platão, Virgílio e Dante. (...). Portanto, é assim que os homens de literatura não são “novilinguistas”, mas portadores de um padrão antigo, agitado pelos ventos modernos da doutrina: os nomes de Eliot, Frost, Faulkner, Waugh e Yeats devem bastar para dar a entender a variedade dessa imaginação moral na era moderna. (KIRK, 2011, p.140)

E para compreender a imaginação moral, antes de mais nada devemos compreender que existe um ordenamento natural na realidade e no ser humano, que o conduz para uma dimensão tipicamente humana e elevada das puras trivialidades da vida cotidiana e da experiência privada. Tal aspiração se encontra infundida na alma humana que busca a “apreensão da ordem correta na alma e na ordem correta da comunidade” (KIRK, 2018). Há uma harmonia em toda a realidade que torna a existência suportável e estabelece um caminho

para o desenvolvimento humano que confere propósito e significado. A ausência desse ordenamento pessoal e social relega o ser humano aos seus desejos e apetites, o que o aproxima da brutalidade dos animais. Como destaca Catharino na apresentação de *A Era de T.S. Eliot*:

A correta apreensão das normas é possível “pela revelação divina, pelos costumes do senso comum e pelo discernimento dos profetas”, ou seja, são transmitidas pelas forças da tradição, responsáveis pela manutenção da ordem da alma e da comunidade. Ao distorcermos com visões ideológicas as artes da literatura e do estadismo fomentamos a degradação normativa e corrompemos a natureza humana, criando uma geração de monstros escravizados pela vontade e pelo apetite. (CATHARINO *in* KIRK, 2017, p. 84)

Portanto, há uma ordem natural que faz com que o ser humano se consolide como humano ao longo da história. Essa percepção de ordem atravessa a história e deve ser transmitida a cada nova geração. A conceituação de ordem, assumida por Kirk, se assemelha em vários aspectos ao pensamento ontológico de Eric Voegelin, na qual a ordem está profundamente ligada com a tradição histórica da sociedade e sua relação com a ordem espiritual da pessoa, o que revela uma sintonia entre homem e uma ordem cósmica que vai além dele, não é fabricada por ele. Essa apreensão dá um correto ordenamento moral para a pessoa e para a comunidade, e esse ordenamento é dado ao homem através da formação de uma imaginação moral. Como veremos adiante, no terceiro capítulo, essa concepção tem uma forte raiz aristotélica.

Todavia, destaca Kirk (2009), que o desenvolvimento técnico, as mudanças econômicas e o advento de certas ideologias progressistas têm conduzido a civilização ocidental à uma degradação normativa, que perverte a ordem através de rupturas de práticas tradicionais, que se evidenciam, sobretudo, na substituição de antigas verdades do homem e da sociedade, por certas ideologias. Como ele descreve:

Podemos discernir as principais causas da desordem social. Algumas delas são consequências de uma repentina mudança econômica e tecnológica que, aqui, não podem ser analisadas em profundidade. Mas, a ordem social também começa a se desintegrar – ou é suplantada por um controle diferente – quando o costume político e a teoria política são completamente dominados pela ideologia, e quando as instituições políticas estabelecidas são abandonadas ou é permitido que entrem em decadência, sem contar a indiferença popular e a ignorância. (...) Fico preocupado com a deserção da teoria política e da tradição, e com o que pode ser feito a esse respeito, com a negligência das instituições que preservam a ordem, a justiça e a liberdade, e com os resultados de tal abandono. As coisas permanentes da comunidade ficam em perigo, em todo mundo. Nossa primeira necessidade é compreender a natureza da ideologia. “Ideologia” não significa teoria política ou princípio, embora muitos jornalistas e alguns professores,

comumente, empregam o termo nesse sentido. Ideologia realmente significa o fanatismo político – e, mais precisamente, a crença de que este mundo pode ser convertido num Paraíso terrestre pela ação da lei positiva e do planejamento seguro. O ideólogo – comunista, nazista ou de qualquer outra filiação – sustenta que a natureza humana e a sociedade devem ser aperfeiçoadas por meios mundanos, seculares, embora tais meios impliquem uma violenta revolução social. O ideólogo imanentiza símbolos religiosos e inverte as doutrinas da religião. O que a religião promete ao fiel numa esfera além do tempo e do espaço, a ideologia promete a todos na sociedade – exceto os que forem “liquidados” no processo. (KIRK, 2009, p.p.767-768).

Dessa maneira, a democracia moderna com sua ideologia e desenvolvimento técnico e econômico não solucionaram os problemas profundos da humanidade, pois esses não são susceptíveis às mudanças materiais, visto que, em última análise o problema da ordem é de esfera moral e cultural. Tal fato é manifestado através ansiedade e desorientação na existência privada e social. A superação disso só se dará quando se recuperar o “propósito da existência do homem”, compreendendo as normas perenes trazidas pela força da tradição e conjurando as ideologias fanáticas através de um corpo sadio de princípios para a consolidação pessoal e, conseqüentemente, social.

E a ordem social só pode ser estabelecida quando a maioria dos cidadãos controlarem suas paixões egoístas, sendo dessa forma, os princípios normativos provenientes dessa ordem a condição da liberdade. Assemelhando-se na perspectiva de Santo Agostinho (2005), no qual o pecado original seria uma rebelião individual contra o Criador e a ordem divina, que tem por desejo da criatura se portar como o centro do universo. “O remédio para tais males está no próprio controle dos desejos pessoais, na adequação da própria existência às leis de Deus e no correto entendimento da natureza humana (KIRK, 2017, p. 89). Sendo pautado pelos princípios do *Doctor Angelicus*, Santo Tomás de Aquino, Kirk compreende que os vícios da “avareza”, o “desejo de poder” e a “luxúria” são as doenças espirituais que afastaria os sujeitos da correta compreensão da ordem e norma que devem conduzir a vida humana, os apartando dos princípios duradouros e que se refletem-na conquistas de certas virtudes públicas.

Assim sendo, ao ceder para essas doenças espirituais, o sujeito acabaria por abraçar ideologias que o afastariam de tal ideal de ordem, sendo as ideologias como um ópio intelectual que gera a ilusão que a razão individual tem a capacidade de compreender-se e orientar-se.

Dessa maneira, destaca-se o papel da imaginação moral que formaria o mundo imaginal para uma correta orientação a esses princípios duradouros de ordem para a existência

humana, fazendo que entendamos que somos mais do que “macacos desnudos”, compreendendo uma noção ética que vai além das barreiras da experiência individual e de eventos momentâneos, e nos libertando da ilusão do capital como sentido da vida ou qualquer outra ideologia que prometa o Paraíso terreno. Essa conceituação será um desafio diante do dilema que se encontra em face do relativismo moral e do construtivismo cultural que predomina no contexto acadêmico e social da pós-modernidade.

Contraopondo-se a essa imaginação moral, Kirk, a partir das asseverações feitas por Irving Babbitt em suas obras, destaca que Jean-Jacques Rousseau inaugurou a “imaginação idílica”, que “rejeita velhos dogmas e velhas maneiras e se alegra com a noção de emancipação de dever e da convenção” (KIRK, 2018). Esse tipo de imaginação, “ignora a experiência trágica do passado e inventa visões de perfeição humana surgidas dos programas ideológicos racionalistas” (KIRK, 2011, p. 118), no qual tudo é destruído, todas as formas de vida civilizadas são ridicularizadas, em prol de algo que nunca existiu, de um estado de natureza que é somente projeção de seus próprios desejos dominantes sobre o vazio. A finalidade se dá na substituição da obrigação moral, pelo culto do egoísmo temerário. O objetivo dessa ideologia, assevera Babbitt, é a destruição da imaginação moral (Cf. Garschagen, 2017). Essa imaginação atraiu e atrai inúmeros jovens, sem mesmo que jamais tenham lido Rousseau, mas se implementou na mentalidade revolucionária de inúmeras linhas ideológicas do séc. XVIII e séc. XIX. O resultado de tal imaginação é a desilusão e o tédio.

E a partir da imaginação idílica, que no século XX, temos aquilo que Kirk (2011) denominou de a “imaginação diabólica”. Ela seria a perda do “sentido do pecado original”. Essa conduz o imaginário para uma compreensão da realidade na qual não mais existe o mal, mas pelo contrário, uma imaginação em que o perverso e o subumano são ressaltados. Não existe no interior dos sujeitos o conflito moral e os dilemas que impregnam os seres humanos ao longo de suas existências, dando-lhes consciência moral.

A imaginação diabólica basicamente permeia a maior parte da ficção disponível atualmente, como nos filmes, telenovelas, no teatro e nos “best-seller” ranqueados semanalmente. As histórias fantásticas sobre as grandes virtudes humanas são reduzidas ao puro aspecto fisiológico e marcados pelo fetiche e pelo clichê; os heróis são deixados de lado, e todos estamos submetidos a mesma régua básica, em que sempre seremos traidores, e dessa forma, não existindo nem heróis ou modelos morais. Tudo está relegado ao indivíduo e a sua moral pessoal, onde o sujeito é a fonte dos valores. O niilismo existencial se perpetra, desfigurando qualquer possibilidade de abertura ao transcendente, e o amor é apenas sexo. Destaca Kirk:

Essa "imaginação diabólica" domina a ficção mais popular hoje em dia; na televisão e nos teatros, também, a imaginação diabólica estrutura suas posturas. Na outra noite, hospedei-me em um novo hotel da moda; meu quarto de solteiro custa cerca de oitenta dólares. Poder-se-ia ajustar o aparelho de televisão do quarto a certos filmes, por um extra de cinco dólares. Depois das dez horas, todos os filmes oferecidos eram pornográficos. Mas até mesmo os filmes "anteriores", antes das dez, sem exceção, eram produtos da imaginação diabólica, na medida em que serviam à ânsia de violência, destruição, crueldade e desordem sensacional. Aparentemente, nunca ocorreu aos gerentes deste hotel da moda que qualquer de seus afluentes patronos, de qualquer idade e sexo, desejasse filmes decentes. Como Eliot falou na Universidade da Virgínia em 1933, chegamos muito longe na estrada para Avernus. E, à medida que a literatura afunda na perversão, a civilização tão moderna cai em sua ruína: "A maré escassa pelo sangue é solta e em todos os lugares / A cerimônia da inocência é afogada". (...) Se não forem apresentados a Stevenson e Conrad, digamos - e bem cedo - eles encontrarão os pornógrafos mais próximos e mais novos de Grub Street. E as consequências serão sentidas não apenas em seu fracasso de gosto, mas em sua compreensão errônea da natureza humana, ao longo da vida; e, eventualmente, em todo o tom de uma nação. "Neste esquema de coisas ... uma mulher é apenas um animal; e um animal não da mais alta ordem." A teoria Naked Ape da natureza humana, a noção "reducionista" do homem como autômato respiratório, é reforçada pela ignorância da imaginação moral da literatura. (KIRK, 2018).

E com isso, compreendemos que o entendimento do ordenamento do ser humano passa pela consolidação de seu imaginário, que na nossa compreensão, seguindo o referencial teórico, precisa ser uma imaginação moral, ou seja, uma imaginação que vai além do relativismo cultural e consiga perceber que existe uma natureza humana comum a todos os homens, e que existem leis universais que podem ser conhecidas e expressadas em termos de linguagem humana, ainda que imperfeita.

2.1.5 A imaginação moral e a literatura

Tendo compreendido qual o papel da imaginação moral no processo de consolidação pessoal e comunitário, faz-se necessário passar para a compreensão do papel da literatura para a formação do imaginário moral.

Apesar de Kirk (2011) cunhar uma reflexão mais depurada sobre os componentes da literatura que são capazes de formar a moral, essa discussão é mais antiga que ele, e tem sua origem na Grécia antiga. Platão (1994), na obra *A República*, durante o diálogo de Sócrates e Glauco, no qual afirma que a mimese empregada pela poética faz com que ela esteja triplamente distante da natureza ideal, e seria responsável por elevar as paixões humanas através da tragédia e da comédia, dessa maneira, deveria ser banida da República. (Cf. Platão. *A República*, Livro X). Todavia, ainda dentro da questão sobre poesia e se ela conduz à verdade ou somente ao prazer, Aristóteles responde na obra *Poética* que "a poesia é um tanto

mais filosófica e mais séria do que a história, pois refere aquela principalmente universal, e está o particular” (ARISTÓTELES in DUARTE, 2015, p.42). Fazendo com que Aristóteles, ao contrário de Platão, perceba que a poética tem uma função imprescindível ao desenvolvimento humano, como veremos mais adiante. Tal debate será ampliado na Idade Média, quando Dante de Alighieri afirma que, o propósito de sua comédia seria “tirar os que, nesta vida, estão em um estado de sofrimento e levá-los ao estado de felicidade”. No período renascentista, Sir Philip Sidney, na obra *Apologia da Poesia*, asseverará que “as imagens poéticas são capazes de tocar nossos corações e nos mover para ação moral. O que as abstrações dos filósofos não fazem.” Kirk irá ampliar esse debate, acrescentando o conceito de Imaginação Moral (Cf. KIRK, 2017, p.p. 117-118).

A conceituação de imaginação moral e o papel da literatura para a sua consolidação, na percepção de Kirk, teve enorme influência de Edmund Burke, no qual capta o termo imaginação moral, mas ainda, outros autores terão influência na compreensão da forma de como essa imaginação é construída por intermédio da literatura, tais quais J.R.R. Tolkien (2013), C. S. Lewis (2010), G. K. Chesterton (2013), Cardinal Newman e Irving Babbitt. Percebendo que, a partir dessas referências, que a literatura tem um enorme poder para a formação do imaginário, pois se encontra intimamente ligada à natureza humana. O poeta não força sobre o público o seu ego ou suas emoções privadas, mas antes ele transcende isso e busca alcançar o âmago das emoções propriamente humanas, não criando novas emoções, mas captando aquilo que existe no coração humano que o torna distinto de uma besta, onde se enraíza as leis da existência moral, consolidando, dessa forma, uma imaginação moral.

Todas as formas principais de arte literária tomaram por seus temas mais profundos as normas da natureza humana. O que Eliot chama de "as coisas permanentes" - as normas, os padrões - tem sido a preocupação do poeta desde o tempo de Jô, ou desde que Homero: "o cego que vê", cantou as guerras dos deuses com homens. Até muito recentemente, os homens tinham como certo que existe literatura para formar a consciência normativa - isto é, ensinar aos seres humanos sua verdadeira natureza, sua dignidade e seu lugar no esquema das coisas. Tal era o esforço de Sófocles e Aristófanes, de Tucídides e Tácito, de Platão e Cícero, de Hesíodo e Vergílio, de Dante e Shakespeare, de Dryden e Pope. A própria frase “letras humanas” implica que a grande literatura serve para nos ensinar o que é ser totalmente humano. (...) O escritor está sob uma obrigação moral de normalidade - isto é, explícita ou implicitamente, com certos padrões duradouros de conduta privada e pública. (...) O homem de letras ensina as normas de nossa existência através de alegoria, analogia e segurando o espelho para a natureza. O escritor pode, como William Faulkner, escrever muito mais do que é mau do que do que é bom, exibindo a depravação da natureza humana, ele estabelece na mente do leitor a consciência de que existem padrões duradouros dos quais caímos; e que a natureza humana caída é uma visão feia. (KIRK, 2018).

Assim, a formação ética da pessoa humana, sua educação moral, não é ensinada por meio de conceitos éticos abstratos, mas por aquilo que é tangível e possível, carregado de significado e beleza. A mera instrução em moralidade não é suficiente para fomentar as virtudes, uma visão convincente de que o bem é algo bom em si mesmo precisa ser apresentada de uma forma atraente e que estimule a imaginação (Cf. BERQUIST, 2018). Nesse aspecto, os contos de fadas têm maior força do que qualquer aula de filosofia sobre a temática da ética. Esses contos cativam a imaginação e trazem temáticas que adentram o dilema existencial concreto ao longo de toda história humana e da civilização ocidental. Assim como a ficção pode desempenhar um papel corruptor, a leitura dos clássicos da tradição ocidental e as histórias que são transmitidas ao longo dos inúmeros séculos, carregam em si inúmeros significados que foram sendo somadas ao longo da existência humana. Como reforça Frye, diferente da ciência que se aprimora e evolui com o passar do tempo, a literatura não evolui nem progride, pois, os conteúdos dos dramas existenciais são atemporais, há mudança na forma literária, mas jamais a mudança dos temas tratados.

Talvez dramaturgos do futuro venham a escrever peças tão boas como *Rei Lear*, embora muito diferentes, mas a arte dramática como um todo jamais superará *Rei Lear*, que ocupa seu topo, assim como *Édipo Rei*, escrito a dois mil anos antes: ambos continuarão a ser modelos dramáticos enquanto perdurar a espécie humana (FRYE, 2017, p. 20).

Seguindo por esta ótica, os contos de fadas, que podemos compreender como as obras de fantasia, como assevera Tolkien (2010), em *A Árvore e a Folha*, captam a moralidade por meio de representações vívidas dos embates entre bem e mal, nos quais as personagens devem tomar decisões difíceis entre o certo e o errado, os dos quais depende o próprio destino ou o destino do mundo fantástico que vivem. Do drama das personagens a consciência individual percebe o que esperar do mundo e como se deve comportar, quais atitudes deve tomar. Obviamente, somente a leitura de bons livros fará com que o caráter pessoal se forme, mas se receber a devida orientação, uma criança, por exemplo, pode descobrir e conquistar os tesouros morais herdados de gerações passadas, que transmitem a nós certa compreensão da realidade. Nossa percepção individual é incapaz de compreender a complexidade da vida humana, pois ela é breve e confusa, por isso, voltarmos para o banco capital da sabedoria acumulada ao longo das eras é imprescindível.

E para isso, o resgate e a admiração pelos contos de fadas “trata-se de um modo de readquirirmos o deslumbramento, a admiração pelas coisas que se tornaram corriqueiras em nossos dias, coisas com as quais não nos importamos mais, mas que carregam em si mesmas o mistério da vida” (CRUZ, 2014). Isso se torna evidente na afirmação de Tolkien:

Precisamos voltar a olhar o verde e nos surpreender de novo (mas não nos ofuscar) com o azul, o amarelo e o vermelho. Precisamos encontrar o centauro e o dragão, e talvez depois contemplar de repente, como os antigos pastores, os carneiros, os cães, os cavalos – e os lobos. Os contos de fadas nos ajudam a realizar essa recuperação. Nesse sentido que só o gosto por eles pode nos tornar, ou manter, infantis. A recuperação (que incluiu o retorno e a renovação da saúde) é uma re-tomada – a retomada de uma visão clara. Não digo “ver as coisas como elas são”, pois assim me envolveria com os filósofos, mas posso arriscar-me a dizer “ver as coisas como devemos (ou deveríamos) vê-las” – como coisas separadas de nós. (TOLKIEN, 2013, p.p. 55-56).

Chesterton, em sua obra *Ortodoxia*, ao refletir sobre o papel moralizante dos contos de fada em sua vida afirmou que:

Minha primeira e última filosofia, aquela na qual acredito com certeza absoluta, eu a aprendi na creche. Geralmente a aprendi de uma babá; isto é, daquela solene sacerdotisa ao mesmo tempo da democracia e da tradição, indicada pelos astros. Aquilo em que eu mais acreditava naquela época, aquilo em que mais acredito atualmente, são coisas que chamamos de contos de fadas. Eles me parecem inteiramente razoáveis. Não são fantasias: comparadas com eles, outras coisas são fantásticas. Comparados com eles, a religião e o racionalismo são ambos anormais, embora a religião esteja anormalmente certa e o racionalismo anormalmente errado. O país das fadas nada mais é do que o país ensolarado do senso comum. Não é a terra que julga o céu, mas o céu que julga a terra; assim, para mim pelo menos, não era a terra que criticava a Terra dos Elfos, mas a Terra dos Elfos que criticava a terra. Conheci o pé de feijão mágico antes de provar feijão; tive certeza sobre o homem na Lua antes de ter certeza sobre a Lua (...) As antigas babás não falavam às crianças sobre a relva, mas sobre fadas que dançam sobre a relva; e os antigos gregos não conseguiam ver as árvores devido às dríades. (...) Mas não estou preocupado com nenhum dos estatutos da Terra dos Elfos em separado, mas sim com o espírito total de sua lei, que aprendi antes de saber falar e hei de reter quando não mais puder escrever. Estou preocupado com certo modo de olhar para a vida, que foi criado em mim pelos contos de fada, mas foi, desde àquela época, humildemente ratificado pelos simples fatos. (CHESTERTON, 2013, p.p. 79-81).

Tal realidade está impressa nos contos de fadas de uma maneira muito particular e profunda, que revela o coração humano dimensões que só são compreendidas pelo uso da fantasia. Como declara Lewis, sintetizando Tolkien e Jung, e apresentando sua consideração:

Segundo Tolkien, o atrativo do conto de fadas consiste em que nele o homem cumpre de maneira mais plena a função de “subcriador”; não faz um “comentário sobre a vida”, como adoram dizer hoje em dia, mas constrói, tanto quanto possível, um mundo subordinado que lhe é próprio. Uma vez que, segundo Tolkien, essa é uma das funções características do ser humano, é natural que se desempenho gere satisfação. Para Jung, o conto de fadas libera arquétipos que residem no inconsciente coletivo; e quando lemos um bom conto de fadas, estamos obedecendo um antigo preceito “Conhece a ti mesmo”. Ouso acrescentar aqui minha própria teoria, não desse tipo literário como um todo, mas de uma característica sua. Refiro-me à presença de seres não-humanos que, não obstante, comportam-se, em diversos graus, como

seres humanos: gigantes, anões e animais falantes. A meu ver, eles são, no mínimo (pois é possível que tenham muitas outras fontes de poder e beleza), um hieróglifo admirável que veicula uma psicologia, uma tipologia de caráter, de modo muito mais sucinto que o romance, e aos leitores, que um romance ainda não poderia atingir”. (LEWIS, 2010, p. 745).

Com isso, começamos a perceber que a literatura de fantasia deve sempre se pautar pela busca da compreensão do sentido supremo da vida humana, percebendo a partir da transcendência o fundamento do eu. Os contos que popularmente chamamos de contos de fadas, mas que a partir das distinções feitas por C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien e G. K. Chesterton são compreendidas como sendo no gênero literário mitopoético, são contos que revelam ao leitor que o universo é governado por ações humanas e escolhas morais, em vez de frias forças mecanicistas (OZIEWICZ, 2009, p 125). Em seu artigo “Sobre histórias de fadas”, Tolkien chama a atenção para quatro funções psicológicas que a literatura oferece ao leitor: fantasia, recuperação, escape e consolo. Essas funções estão intimamente ligadas a cosmovisão cristã. Analisando essas funções, Oziewicz sintetiza:

A fantasia, diz ele, é uma expressão natural do espírito humano porque somos imagens de um criador que é criativo. A recuperação é bem romântica na origem, é a recuperação do frescor paradisíaco da percepção que nos faz cientes de quão maravilhoso é o Deus criador do mundo. O escape é baseado no reconhecimento de Tolkien da cruza e feiura da vida pós-expulsão do Paraíso – a degeneração da moderna sociedade europeia que mata a sede humana pela beleza e trazendo pobres substitutos – o que torna natural que os seres humanos anseiem por um retorno (consolo) à condição original e pretendida no Paraíso. (OZIEWICZ, 2009, p 125).

Tolkien (2010), compreende que essa consolação se evidencia através do final, que miraculosamente o mal é vencido, a isso ele chamou de eucatástrofe. Ele dirá que “nunca se pode confiar que outra vez (...) Ela (a eucatástrofe) nega (em face a muitas evidências, por assim dizer) a derrota final universal, e nessa medida é *evangelium*, dando um vislumbre fugaz da alegria, alegria além das muralhas do mundo” (Tolkien, 2010, p. 77). Dessa forma, a fantasia faria com que o cristão tivesse um auxílio ao compreender o que é a criação e qual seria o papel do ser humano na eterna batalha entre as trevas e a luz.

Essa compreensão de Tolkien sobre a fantasia será compartilhada por Lewis, que por sua vez, será incisivo a dizer que a literatura de fantasia é uma forma pujante para se enriquecer e compreender os dramas da vida e seu sentido, sendo atrativos a qualquer idade, depende se a pessoa estiver e mente aberta para a realidade espiritual

Portanto, a literatura, e sobretudo as histórias de fantasia, podem formar a imaginação moral de um sujeito, tornando evidente que existe um ordenamento natural na realidade e no

ser humano, que o conduz para uma dimensão tipicamente humana e elevada das puras trivialidades da vida cotidiana e da experiência privada, e essas histórias, mais do que fruto da consciência privada dos seus autores, carregam em si símbolos e elementos morais acumulados ao longo da existência humana. Por isso, o uso dessas histórias na educação para formação das consciências dos sujeitos é imprescindível.

3. CAPÍTULO II: A LITERATURA HOMÉRICA E A PAIDEIA GREGA

Percebemos, até agora que a imaginação é uma faculdade importantíssima para o entendimento da realidade, que através dos dados advindos da percepção temos a formação de imagens gerais que a partir delas o intelecto encontra os meios necessários para elaborar conceitos e se alcançar um conhecimento essencial sobre as coisas e sobre o próprio ser humano.

Além disso, o imaginário tem uma função primordial ao pensar a realidade, seja no entendimento da mesma ou na projeção sobre a realidade, ajudando o ser humano a pensar um mundo que seja tipicamente humano, pensado e projeto pelo ser humano.

Além do mais, a consolidação do mundo imaginal nos indivíduos funda neles uma cosmovisão, ou seja, uma concepção ordenada de valores e de finalidade sobre a realidade e a existência humana. Assim, o cuidado com a formação da imaginação, através da atenção das imagens apresentadas para as crianças teria uma enorme força sobre a constituição de uma imaginação que nas palavras de Russel Kirk (2011) seria uma imaginação moral, capaz de fazer com que se entenda que existe uma ordem natural que compõe a realidade e no ser humano, que faz com que ele abandone seus puros instintos e trivialidade do cotidiano e busque desenvolver uma vida com propósito e significado que está além da sua pura materialidade.

Para tal, a literatura se desponta como um meio principal para a formação de uma imaginação moral, apresentado aos leitores símbolos e virtudes que fazem o ser humano tender aquilo que é bom, belo e justo no ser humano. Os símbolos e elementos morais que uma cultura desenvolveu, parecem estar condensados nas histórias produzidas por esse povo. Assim, o uso da literatura para a formação do imaginário desponta como sendo imprescindível e carrega uma enorme força de influência.

Para evidenciar todas essas questões, chegamos nesse capítulo, cuja função se trata de demonstrar como os poemas homéricos executaram essa formação moral no povo grego, sendo esse modelo literário considerado o fator principal que levou na consolidação da Paidéia grega.

3.1 A literatura e a consolidação do ideal de homem grego

Como abordado acima, a literatura tem um papel importantíssimo para a constituição de uma imaginação moral, pois determinados tipos de histórias revelam qualidade e virtudes que tiram o ser humano da simples condição animal, escravo de suas paixões e desejos, e

fazem com que ele aspire compreender e agir por valores que estão além da sua simples condição, mas fazem parte dele como ideal, sendo, portanto, o endereço de seus esforços.

Esse entendimento parece ser evidente quando deparamos com a história do desenvolvimento helênico e a estruturação da Paideia Grega. Os mitos e posteriormente os poemas que formaram a cultura daquele povo despertou o imaginário desses povos antigos para uma correta visão sobre o que era o homem, quais suas virtudes, como ele deveria ser e agir. Tal fato é evidente, pois os primeiros filósofos, chamados filósofos da natureza, não viram problemas no homem, esse era um tópico que estava consolidado, sendo a constituição do cosmo uma questão desconhecida, algo que gerava espanto e estranhamento, o que conduziu para elaboração de uma primeira reflexão sobre os princípios que compunham a realidade física. O homem se tornará uma questão de reflexão na filosofia, e partir dali o ponto central da reflexão filosófica, com Sócrates em Atenas. Neste lugar, no séc. V a.C., após as Guerras Médicas e a reconstrução dessa pólis por Péricles, a democracia ateniense estabeleceu o consenso dos cidadãos como princípio decisório nas questões da vida comum. Estabelece-se o debate público e com o passar do tempo, o relativismo do discurso, que tem seus maiores expoentes em diversos sofistas, Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini. Reagindo a isso temos Sócrates e a reflexão sobre o homem, que se dava, sobretudo, na busca da compreensão das virtudes que se alcançava no interior da alma humana. O que já havia sido mostrado pelos poetas, agora volta na reflexão dos filósofos.

Assim, iremos agora refletir sobre como a poesia homérica foi importante para a cultura helênica, sobretudo para a paideia grega¹, ou seja, qual o ideal de homem que a formação educacional deveria mirar para ter êxito, tanto na constituição do indivíduo, como na construção da sociedade. Dessa forma, tornando evidente o que foi refletido no ponto anterior sobre a formação da imaginação, que se consolida de maneira mais elementar através da literatura.

¹Tanto Jaeger (2013) como Abbagnano (2012) relacionam o conceito de Paideia com conceito de Cultura. Abbagnano adverte: “No significado à formação da pessoa humana individual, essa palavra correspondente ainda hoje ao que os gregos chamavam *paideia* e o os latinos na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra de *humanitas*: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem que o distingue de todos os outros animais. As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc., às quais se atribuíam valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto, para a capacidade de formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína perfeita (2012, p. 261). Jaeger segue nessa perspectiva ao compreender que a paideia seria “A formação de um elevado tipo de homem” (2013, p. 5) que buscava criar um modelo educacional que conduzissem para a formação de um homem que estivesse fundada na “trindade grega do poeta (ποιητής), do Homem de Estado (πολιτικός) e do sábio (σοφός) encarna a mais alta direção da nação (2013, p. 15).

3.2 Importância dos gregos para o ocidente

Dar vez aquilo que foi dito e feito no passado, aprender com a tradição, nos dizeres de Chesterton é ser democrático com aqueles que vieram antes de nós, “A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto as mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos” (CHESTERTON, 2010, p.78). E para o ocidente é imprescindível o retorno a constituição grega. A cultura e o desenvolvimento da Grécia antiga não é somente o desenvolvimento de um dos povos que surgiram no período antigo da história. A percepção do seu desenvolvimento se liga diretamente a estruturação da civilização ocidental e a cosmovisão que ela impõe. Assim, o ocidente se funda na junção da herança da filosofia da Grécia, a moral judaico-cristã e o direito romano, consolidando as matrizes da civilização europeia, e conseqüentemente, de todo ocidente. Dessa maneira, fundamentar uma investigação pelos gregos é retornar às origens de nossa história, e de alguma forma, se ligar aos fundadores do ocidente, percebendo neles as intenções originais sobre o desenvolvimento de toda a história. Esse retorno é indispensável, pois foi a Grécia a fonte de toda cultura, como assevera Jaeger:

O helenismo ocupa uma posição singular. A Grécia representa, em face dos grandes povos do Oriente, um “progresso” fundamental, um novo “estádio” e, tudo o que se refere à vida dos homens em comunidade. Esta fundamenta-se em princípios completamente novos. Por mais elevadas que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar de cultura só começa com os gregos. (...) A nossa história – na sua mais profunda unidade - , assim que deixa os limites de um povo particular e nos inscreve como membros num vasto círculo de povos, “começa” com a aparição dos gregos (...) origem ou fonte espiritual, a que sempre, seja qual for o grau de desenvolvimento, se tem regressar para encontrar orientação. (JAEGER, 2013, p. 3)

Dessa maneira, compreender a história Grega é perceber uma união espiritual, social que une a totalidade dos povos ocidentais a esse povo da antiguidade clássica, percebendo neles certas características que nos unificam como uma comunidade que vai além dos fatores geográficos e étnicos. “As fronteiras da “nossa” história jamais poderá ultrapassar a antiguidade daqueles que há vários milênios traçaram nosso destino” (JAEGER, 2013, p.4). O mundo grego é a origem do mundo ocidental e a ele recorreremos para entender o desenvolvimento do mundo em que vivemos.

Assim, debruçar sobre elementos da Grécia Antiga é de alguma forma refletir sobre nossos pais culturais que trataram do radical de como entendemos a educação e nossa formação da imagem do homem educado, que para os gregos se liga ao desenvolvimento da

areté², que se torna o conceito central da formação grega. Este modelo de homem virtuoso que se encontra explícito na pólis grega. A partir do século V a.C. surge a expressão Paideia, que primeiramente ligava-se ao termo simples da educação dos meninos, entretanto, conforme as dificuldades na pólis se tornaram mais latentes os filósofos se debruçaram sobre este tema. Tal questão irá adentrar a idade média chegando até os escolásticos. Mas o entendimento e a reflexão sobre a areté tem sua origem na obra de Homero.

3.3 A Paideia e a formação do cidadão

A paideia grega desenvolveu uma particular importância para o desenvolvimento daquela civilização, mas também exerce força sobre todo o ocidente. Não foi e não se trata de uma forma de regras abstratas e formais, rígidas e imutáveis, que existiam como currículo escolar, nem foi desenvolvida de maneira premeditada e por políticas públicas governamentais, mas antes, desenvolveu-se de forma espontânea e dinâmica, e a clareza desse processo foi se dando ao longo da passagem do tempo. Com isso, criou-se um ideal elevado de homem, cuja a educação representava todo esforço humano, que por um processo cultural, se desenvolvia de maneira comunitária e individual.

A paideia grega inaugura uma concepção distinta de indivíduo, na qual a dignidade e importância o sujeito e suas ações particulares estão ligadas ao todo que compõe a *pólis* grega, tal concepção encontra consonância no cristianismo e em Roma, mas é distinto da concepção de indivíduo que se estabelece na modernidade. É antes de mais nada uma concepção integral, que compreende o sujeito que se desenvolve dentro de uma realidade natural e que traz em si princípios físicos e espirituais que irão compor a *pólis*. Com isso, se percebe que na dedução dialética do real se extrai o eu individualizado que se estabelece e busca compreender a natureza. Como esclarece Jaeger:

É historicamente indiscutível que foi a partir do momento em que os gregos situaram o problema da individualidade no cimo do seu desenvolvimento filosófico que principiou a história da personalidade europeia. Roma e o Cristianismo agiram sobre ela. E da intersecção desses fatores brotou o fenômeno do Eu individualizado. (...) essa concepção não tem suas raízes no cultivo da subjetividade, como atualmente acontece; pertencem à sua natureza. E, quando esse povo atinge a consciência de si próprio, descobre, pelo caminho do espírito, as leis e normas objetivas cujo o conhecimento dá ao pensamento e à ação uma segurança antes desconhecida. (...). Chamamos

²“Tanto Homero como nos séculos posteriores, o conceito de *Arete* é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, i. é., não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e a rapidez dos cavalos de raça. (...) A *areté* é o atributo próprio de nobreza. (...) Homero entende por *areté* as qualidades morais ou espirituais. Em geral, de acordo com a modalidade de pensamento de tempos primitivos, designa por *areté* a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no nosso sentido de ação moral e separada da força, mas sim intimamente ligado a ela.” (JAEGER, 2013, p.p. 24-25).

orgânica essa concepção, porque nela todas as partes são consideradas membros de um todo. A tendência do espírito grego para a clara apreensão das leis do real, tendência patente em todas esferas da vida – pensamento, linguagem, ação e de todas as formas de arte -, radica-se nessa concepção do ser como estrutura natural, amadurecida, originária e orgânica. (JAEGER, 2013, p.p. 8-9).

A partir disso, compreendemos que a concepção grega que se orienta pela *paideia* busca compreender as leis que organizam o mundo e a natureza humana daí extrair normas que orientem a vida individual. Essa percepção está infundida no ideal educacional grego, a clara percepção que a vida humana tem princípios naturais e leis imanentes que conduzem suas forças corporais e espirituais. Dessa forma, se busca o modelo ideal de homem que está além do eu subjetivo, mas unifica os homens na sua essência, naquilo que seria sua verdadeira forma, sua forma bela e verdadeira. A educação não tem a função de um adestramento para a vida em sociedade, mas antes, exerce no interior de cada indivíduo um ato de reflexão que o move em direção a estes ideais nobres, bons, justos, belos e verdadeiros. Para essa orientação, se voltou o esforço de todos os educadores da Grécia como seus poetas, artistas e filósofos. Tal intento formou as concepções que denominamos de *paideia*. Isso que foi expressado é demonstrado por Jaeger da seguinte forma:

Podemos agora determinar com maior precisão a particularidade do povo grego frente aos povos orientais. A sua descoberta de homem não é a do eu subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determinam a essência humana. O princípio espiritual dos gregos não é o individualismo, mas o “humanismo”, para usar a palavra no seu sentido clássico e originário. Humanismo vem de *humanitas*. Pelo menos desde Varrão e Cícero, essa palavra teve, ao lado da acepção vulgar e primitiva de humanitário, que não nos interessa aqui, um sentido aqui mais nobre e rigoroso. Significou a educação do Homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser. Tal é a genuína *paideia* grega, considerada por um homem modelo de Estado romano. Na brota do individual, mas da ideia. Acima do Homem como ser gregário ou como suposto eu autônomo, ergue-se o Homem como ideia. A ela aspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos. Ora, o Homem, considerado na sua ideia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa. Como vimos, a essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade. Os gregos foram adquirindo gradualmente consciência clara do significado desse processo mediante aquela imagem de Homem, e chegaram por fim, através de um esforço continuado, a uma fundamentação, mais segura e profunda que a de nenhum povo da Terra, do problema da educação. (JAEGER, 2013, p.p. 12-13).

A fala de Jaeger (2013), demonstra que esse modelo de vida não é algo estático, imóvel e reacionário, mas antes, um modelo dinâmico que conserva os elementos ideais percebidos no interior do próprio homem e na natureza. Esse modelo atravessa as mudanças históricas e traz ao cidadão uma orientação precisa do seu processo de constituição na sociedade. A vida

pública e a intimidade têm em si certa consonância, de forma que o modelo de homem é aquele que por intermédio de suas escolhas e ações individuais, tomadas a partir de uma concepção espiritual consciente tem uma conexão simbiótica com o serviço à comunidade.

3.4 Homero o educador do povo grego

Parte desse desenvolvimento que compreende a paideia grega tem ligação com o desenvolvimento dos poemas e a literatura grega, mas de sobremaneira os poemas que são atribuídos a Homero. Mesmo os feitos do período helênico, como a filosofia de Platão e Aristóteles, têm enorme ligação com o período heroico e homérico, na qual se extrai uma perfeita simbiose entre os mitos e a poesia que se transformam numa forma de bússola moral que educa o povo nas ações, a partir das figuras dos heróis que se inspiram nos valores divinos. Assim, a educação e a cultura não estavam restritas a um tipo de educação propriamente formal, abstrata e desvinculada da vida, mas antes, eram valores próximos da vida histórica e espiritual daquele povo, revelando-se a partir da literatura um ideal superior.

Como geralmente percebemos no desenvolvimento cultural de um povo, o desenvolvimento do povo grego obedece a estruturação de uma cultura oral que culminou no desenvolvimento de uma linguagem escrita. Assim, é impossível tratar a *Ilíada* e a *Odisseia*³ como sendo relatos históricos. Na verdade, ambos os textos parecem tratar de momentos distintos do desenvolvimento da cultura grega, todavia refletem os sentimentos da nobreza primitiva grega que inspirou a consolidação de toda a civilização helênica. Sendo eles um tipo de relato sobre os valores e a cultura da aristocracia primitiva grega. Conforme evidencia Sousa:

Poesia, pelo menos na antiguidade grega, é um fenômeno estruturador da cultura, ou melhor, poesia coincide com cultura, no sentido de educação e civilização. Os textos de Homero são relatos que instituem práticas e determinam modos de viver e pensar que constituirão o núcleo daquilo que chamaremos “cultura grega”. (...) A despeito de tudo o que foi dito, o que importa é o reconhecimento da importância dos cantos homéricos para entendermos a formação e a fixação de uma cultura própria e exclusiva do povo grego. Inaugurando a tradição mitopoética, a *Ilíada* e a *Odisséia* são as fontes de inspiração para Hesíodo e toda uma geração de poetas e pensadores. Pela sua natureza enciclopédica, em virtude de mostrarem-se como o repositório do saber e da tradição, os contos homéricos são o referencial para pensarmos a consciência e a identidade cultural dos gregos arcaicos. (SOUZA, 2007, p.p. 196-197).

³Odisseia é, ao lado de *Ilíada*, um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga e que foram atribuídos a Homero. Trata-se de um poema fundamental no cânone ocidental e é a segunda (*Ilíada* é a primeira) obra da literatura ocidental.

Deste modo, a *Ilíada* e a *Odisseia* desempenham o papel de preservação da memória e da cultura grega por intermédio de um viés didático pedagógico, e torna Homero um educador do povo grego por excelência. Como afirma Jaeger:

Conta Platão que era opinião geral de seu tempo ter sido Homero educador de toda Grécia. Desde então, a sua influência estendeu-se muito além das fronteiras da Hélade. Nem a apaixonada crítica filosófica de Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda a poesia. A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos gregos desde de sua origem e manteve sempre sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, a sua manifestação clássica. Convém levarmos a sério, o mais possível, essa concepção, e não restringirmos a nossa compreensão da poesia grega como a substituição do juízo próprio dos gregos pelo dogma moderno da autonomia puramente estética da arte. Embora esta caracterize certos tipos de períodos da arte e da poesia, não deriva da poesia grega ou de seus grandes representantes, nem é possível aplicá-las a eles. (JAEGER, 2013. p. 60).

Os textos que derivam do grego primitivo encontram aliados a ética religiosa e a estética, mas também se tornam uma forma clássica de prazer e educação. Posteriormente, com a poética filosófica buscou-se reduzir os sentidos dos escritos a uma mera fábula desapropriando a importância deste que foi o primeiro grande modelador da humanidade grega. Os textos vêm imersos em questões específicas da existência humana, cujo desfecho impele um tipo de *ethos* e anseios espirituais que obrigam a um dever de ação. Neste sentido, tratar de temas em forma artística tem um poder espiritual e universal de validade, que traz plenitude imediata e viva sendo importantíssima para uma ação educativa. Os gregos chamavam essa complexa ação do poder espiritual da arte em formar o caráter de *psykhogíá*.

Este modelo poético que encontra seu ápice na epopeia⁴ grega inaugurada por Homero, e se torna uma das formas mais importantes de literatura, pois influenciaram a escrita em diversas épocas e povos, inclusive na escrita filosófica de Platão e Aristóteles. Outros povos contemporâneos elaboraram relatos épicos em torno da figura de heróis, mas nenhum com carga tão profunda capaz de formar o povo pelo encantamento ético e estético de suas narrativas. Sua influência foi além daquele momento histórico, sendo referência para toda literatura ocidental.

Na epopeia manifesta-se a peculiaridade da educação helênica como em nenhum outro poema. Nenhum outro povo criou por si mesmo formas de espírito comparáveis àqueles da literatura grega posterior. Dela nos vêm a tragédia, a comédia, tratado filosófico, o diálogo, o tratado científico

⁴1.lit poema extenso que narra as ações, os feitos memoráveis de um herói histórico ou lendário que representa uma coletividade; poema épico, poema heroico. 2.p.ext. sucessão de eventos extraordinários, ações gloriosas, retumbantes, capazes de provocar a admiração, a surpresa, a maravilha, a grandiosidade da epopeia. 3. Aventura fabulosa.

sistemático, a história crítica, a biografia, a oratória jurídica e panegírica, a descrição de viagens e as memórias, as coleções de cartas, as confissões e os ensaios. (JAEGER, 2013, p. 63).

Muitos outros poemas e epopeias que foram elaboradas posteriormente se comparam às epopeias gregas em sua forma literária. No entanto, não conseguiram ter a importância atemporal dos textos homéricos, capaz de serem relevantes ainda nas épocas atuais. Na idade média foram escritas diversas obras como Canção de Rolando e Belwulf, mas passada a época cavaleiresca foram perdendo sua força, pois a inesgotável riqueza nos quais os escritores gregos trataram em sua época tem profunda ligação com a subjetividade humana e sua natureza, na forma como cada sujeito toma consciência de si e assume seu papel a partir de uma perspectiva espiritual, no qual a natureza está ordenada por um princípio ulterior no qual tudo ganha posição e conexão viva. Este aguçado senso estético tornou capaz a integração de toda uma civilização em torno de um ordenamento cosmológico, que possibilitou as investigações filosóficas que precederam. “O fato de Homero, o primeiro que entra na história da poesia grega, ter-se tornado o mestre da humanidade inteira demonstra a capacidade única do povo grego para chegar ao conhecimento e à formulação daquilo que une e move a todos nós” (JAEGER, 2013, p.65).

3.5 A literatura e o ideal

A obra de Homero é um reflexo histórico do mundo primitivo e aristocrático grego, mas também se torna a pedra na qual se funda toda a cultura helênica, pois a poesia grega irá desempenhar um papel educador neste povo, já que as passagens geram um efeito moral e criam identidade. Tal atitude não é uma ação deliberada em si, consciente de querer convencer e influenciar os ouvintes, mas antes uma moção que faz com que os ouvintes se encantem com tais feitos que estão nas raízes da história de seu povo, mantendo viva a memória através de um apelo sensível e que inspira a ação dos ouvintes. Neste aspecto, se desdobra a ação educadora da poética grega. Os mitos e as lendas heroicas são fontes inesgotáveis de sentido e reflexões sobre a vida, que tem um valor universal e ultrapassam o caráter meramente fictício. Tornam-se imortais à medida em que se estabelece uma longa tradição de interpretação. Como reforça Souza:

Os personagens de Homero são concebidos para serem exemplares, para serem tomados como referência, cumprindo com isso um papel social. Por meio deles podemos ler, por exemplo, o elogio da honra, como o ideal mais alto a ser cumprido por quem aspira a ter uma alma nobre e guerreira. Ao narrar as ações gloriosas de seus heróis, Homero se utiliza do mito como o modelo para seus personagens e ouvintes regredirem suas próprias ações. Se observarmos os diversos mitos que entram no discurso dos atores postos em cena por Homero, encontramos sempre um personagem dirigindo-se ao

outro com a intenção de “aconselhar, advertir, admoestar, exortar e lhe proibir qualquer coisa” (Jaeger, 1988, p. 47). Isso tudo coloca o mito como uma instância predominantemente normativa, deixando de ser obra de pura ficção, fantasia passando a ter o poder de exprimir a universalidade de ações rigorosamente escolhidas para ter um papel representativo na educação (paidéia) dos gregos. Através do mito narrado e criado poeticamente, Homero confere à ação do herói um estatuto “idealizado”, apontando-o como modelo de ação a ser seguido na vida cotidiana. (SOUZA, 2007, p.p.198-199).

Nesta perspectiva, os relatos homéricos das batalhas não são tomados pelas imagens de enormes confrontos com multidões impessoais, mas antes, com combates singulares que terminam com o triunfo de heróis famosos. Esta narrativa liga o leitor a aristeia (jornada de vitória)⁵de um herói que sempre contém um elemento forte e moralizante. São sempre cenas que fazem parte da grande epopeia, mas que tem finalidades próprias, nos quais esses confrontam seus destinos (moíra) e preferem se manter fiéis morrendo de forma gloriosa (kléos). Assim, o texto da obra conteria, então, essa estratégia, o que permite lê-la como tendo a finalidade de cultivar entre os gregos o ideal dekalokagathía, a virtude por excelência do guerreiro, ao mesmo tempo, belo e bom. Defendendo esse ideal, os poetas deixam de ser meros contadores dos feitos heroicos, tornando-se intérpretes dos valores tradicionais a que suas obras servem de veículo. Em outras palavras, tornam-se educadores hegemônicos do povo grego. Como afirma Jaeger acerca de Homero:

A sua obra mostra bem o que a guerra representava para ele: era a luta prodigiosa de muitos heróis imortais, da mais sublime areté – e não apenas gregos. Os inimigos destes são igualmente um povo de heróis que lutam pela sua pátria e pela sua liberdade. Lutar pela pátria é um bom agrúrio: são palavras que Homero põe na boca, não de um grego, mas do herói dos troianos, que tomba pela pátria e com isso atinge uma tão viva qualidade humana. (JAEGER, 2013, p. 71).

Os heróis homéricos são marcados pelo âmbito religioso numa atmosfera de relação com os deuses, estabelecendo um campo de ação marcado pela interferência divina. O que motiva que as ações sejam religiosas e morais. O contexto impele que qualquer ação que se afaste do comportamento humano normal seja atribuído a um agente sobrenatural. Apesar disso, as figuras heroicas são extremamente humanas com dramas que são próprios da tragicidade humana, de forma que tal relação com as divindades não cria prejuízos para a relação de imitação que os gregos deveriam estabelecer com essas figuras. Os heróis épicos se

⁵É importante perceber que tanto na literatura como no cinema atual tão técnica se apresenta como a jornada do herói mitológico, bem discutida por Joseph Campbell, posteriormente, Christopher Vogler irá sintetizar essa trajetória na obra *The writer's journey*, no qual acompanha doze passos da jornada do herói. Esta jornada se torna evidente através de várias obras da cultura pop, entre elas destacamos a trilogia original de *Star Wars*; os livros de Tolkien, com especial evidência para *o Senhor dos Anéis* e *Bem-Hur*. A jornada do herói pode ser melhor entendida a partir deste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2zTwB1el2g>

tornam parâmetros para entender a relação com a sociedade, com a honra, a nobreza, a bravura e mesmo na relação com os deuses.

E um reforço deste aspecto social se dá na construção de personagens que sempre reverenciam a tradição e aos mais velhos, como fonte de inspiração e sabedoria. É uma vertente didática que adentra na cultura e posteriormente na tradição filosófica grega. Como afirma Jaeger: “A evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta, parte constitutiva de toda ética e educação aristocrática” (2013, p.41). E ainda reforça Souza:

Através dos exemplos dados pelos poetas, o homem grego vai moldando a sua própria personalidade e a de sua sociedade como um todo. Essa tradição da tomada paradigmática do mito como um novo recurso para modelar as ações do homem em seu convívio social e em atitudes individuais é intrínseca ao espírito grego e ocorre não apenas entre os poetas e pensadores, mas também em meio à filosofia. Platão é o exemplo mais fiel dessa tradição poética, seus diálogos são plenos de referências aos mitos, na tentativa de resgatar o modelo da ética guerreira e adaptá-la ao seu tempo, dada a sua necessidade de estabelecer valores éticos políticos a cidade. (SOUZA, 2007, p.201).

Todos esses aspectos irão fornecer a nascente cultura grega elementos unificantes, tornando evidente qual *areté* o grego deve possuir para cumprir o máximo de sua natureza. Por séculos a fio os textos homéricos irão inspirar uma série de outros poetas e histórias do povo grego, aperfeiçoando na capacidade de refletir sobre a condição humana, mas também na forma como cada qual deveria se portar na *Pólis*. A visão homérica descrita em suas epopeias de entender o caos e as paixões humanas não passivamente, mas antes devem ser compreendidas de forma clara e objetiva, irá influenciar a cosmovisão grega, sendo ela uma primeira forma de Paidéia.

As duas obras homéricas, contêm em suas estruturas, um perene interagir entre o cenário político e militar, crenças, rituais costumes e tradições gregas em sua relação com o laço familiar. Os heróis têm sua ação no campo de batalha, mas também fica evidente os laços humanos. Dessa maneira, a *Ilíada* e a *Odisseia*, figuram como instância privilegiada do povo grego para compreensão do seu próprio mundo. Será a conjunção da tradição oral e escrita na epopeia. Homero discorreu sobre o cidadão grego a partir das noções de virtude (*areté*) e justiça (*díke*).

Por *areté*, Homero compreende, tanto as qualidades dos rei-guerreiros como as qualidades que tornam um indivíduo capaz de fazer aquilo que seu papel exige. *Dike*, por seu lado, compreende tanto a ação como a ordem que envolve essa ação. Mancintyre mostra que, em Homero, a noção de *díke* se encontra associada à de *thémis*, o que é ordenado como regra. A diferença

entre as duas provém do fato de a primeira ser uma ordem que vem de fora, enquanto a segunda é uma ordem que se estabelece dentro do indivíduo. As duas, no entanto, precisam estar conciliadas para que uma ação possa ser considerada justa. (SOUZA, 2007, p.207).

Essa estrutura marca os heróis homéricos e permite a ação e o discernimento de suas ações. Assim, a cada ação sua, torna seu ato justo (*díkaios*). Todo herói é real, quase que perceptível ao toque. Suas existências se dão em íntima conectividade com o mundo exterior pela consciência do pensamento e da ação, na qual se situam com clareza no espaço vital que habitam. Estas qualidades são reforçadas por um caráter inato e hereditário, que para nós modernos é um tanto inaceitável, todavia, superando isso, a influência história de Homero da consolidação posterior de sua nação é incalculável, pois sua obra estabeleceu no povo helênico um sentimento de unidade, o que possibilitou uma consciência nacional e deu os contornos de toda a cultura grega. (cf. JAEGER, 2013, p.p. 81-83).

Os poemas Homéricos tiveram grande influência posterior, tanto nas poesias de Hesíodo, mas também na discussão sobre a origem da *areté*. Como vimos antes, os poemas homéricos refletem as principais virtudes que nasciam da aristocracia da Grécia pré-helênica, ligando-se fortemente ao conceito de sangue e de famílias nobres que regiam a forma e os valores mais elevados do povo. É uma concepção altamente tradicional que deveria ser conservada e transmitida, tendo por base a figura do nobre dotado de sabedoria e coragem. Os nobres deveriam ser modelos para todos homens.

Platão irá combater veementemente esta concepção, garantindo que as virtudes derivam da busca da razão e não a posição social. Aos seus olhos, a *areté* é um conjunto de ações e de comportamentos que asseguram ao indivíduo a plena capacidade e o cumprimento de seu papel de cidadão, e não algo que advinha em virtude de seu nascimento. Dessa forma, em Platão a *areté* deve conduzir toda ação da alma (*psykhé*) e das atividades (*práxis*), direcionando-as na busca da Verdade (*alethéia*) e de suas derivações.

Todavia, as concepções homéricas fundam os elementos básicos da *areté* grega e terão um caráter pedagógico a inúmeras gerações desse povo. Revelando os dilemas que existem na existência para se conduzir a vida de forma justa e qual deve ser a forma de vida que mais eleva o ser humano no cumprimento de sua natureza própria. Platão e a sua discussão sobre a origem das virtudes só será possível a partir das poesias que formaram a índole daquele povo.

Este aspecto vai além do mundo helênico, lançando suas raízes no império romano, e assim, em todo o ocidente. Observaremos a construção de grandes epopeias como *Belwulf*, *Os lusíadas*, e até mesmo na *Divina comédia*, e uma série de outras obras que contribuiram para a

formação moral, ética e estética do povo que a concebe. Revelando, assim, o caráter atemporal que as obras homéricas tiveram no ocidente, e como a literatura teve um papel de consolidação da cultura grega.

E neste âmbito, torna-se claro que a literatura não é simples produto do meio, ou ainda, somente uma expressão artística que quer entorpecer o ser humano dentro de sua condição real, gerando uma fuga para um mundo imaginesco, mas antes, o papel da literatura é mais profunda e entorna dela tanto os gregos como as demais civilizações desenvolveram modelos que inspiraram os povos. Nesse aspecto, se percebe a relevância e o papel da literatura na formação de um povo na sua constituição unitária e nos valores morais que se tornam nobres e passíveis de aspiração por esse povo.

4. CAPÍTULO III: A EDUCAÇÃO DA IMAGINAÇÃO

Como visto, até então, o processo de formação e educação de um sujeito passa pela constituição do seu imaginário. Essa faculdade da razão, tem um papel crucial, pois é o pano de fundo para todos os outros conteúdos formais que o sujeito aprenderá ao longo de sua formação, além de colaborar na sua orientação moral ajudando a tender ao bom, belo e verdadeiro. Assim, a educação da imaginação surge como um cuidado com o desenvolvimento do imaginário, que irá acontecer de toda a forma, todavia o cuidado com as imagens que são apresentadas às crianças ao longo de seu processo de formação, e que será considerada a educação da imaginação.

E como foi destacado no primeiro capítulo, a literatura pode ter um enorme papel para a formação do imaginário, pois condensa os símbolos e valores mais profundos de uma cultura. Assim, se tem uma formação moral não por conceitos abstratos de ética, mas antes por aquilo que é tangível e repleto de significado e beleza, que é a linguagem literária.

E para evidenciar este propósito foi abordado no segundo capítulo como a poesia homérica teve um caráter relevante para constituição da Paideia grega. A literatura que vem de Homero condensa diversas questões que são próprias da existência humana, mas envoltos em uma áurea artística que traz um poder espiritual e universal aos dramas vividos pelas personagens. Esses textos tiveram enorme relevância para a civilização grega, pois as diversas gerações que se seguiram tiveram ali os elementos mais nobres sobre o que é o ser humano, inspirando de forma inigualável aquela cultura. A gênese da concepção e da formação do homem na Grécia Antiga é fruto dessa literatura rica e extremamente ligada ao drama existencial humano de existir. Platão afirmou que Homero foi educador de toda Grécia, sua influência, no entanto, se estendeu para além de toda Hélade e chega em nossa época. Seu modelo de epopeia atravessa a história, sendo exemplo para textos contemporâneos. Como afirmado por Jaeger (2013, p. 13), “Homero tornou-se mestre da humanidade inteira”.

Neste capítulo, iremos destacar a importância das artes do belo para o processo de formação do sujeito e de seu imaginário, para na sequência, entendermos como a literatura pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo do sujeito, sendo uma forma privilegiada de entrar em contato com elementos e virtudes humanas que ajudam no processo de formação de um imaginário moral, que faça com que a criança, desde cedo, tenda ao belo ao bom e ao verdadeiro. Completando, de alguma forma, aquilo que foi começada

Além do mais, seguindo a perspectiva aristotélica, para alcançar finalidade ontológica do ser humano que é se tornar um animal racional, percebeu-se no conjunto da obra do

filósofo que existe uma sequência de tipos de discursos que parte da poética, e passa pela retórica, dialética se encerrando na lógica, formando ali uma ciência do discurso. Essa compreensão sobre a unidade do discurso humano se alinharia com os diversos gêneros literários, dando a possibilidade de criar um currículo que torne possível o uso da literatura e dos gêneros para uma educação da imaginação conforme apresentado até aqui. Para, então, demonstrar um percurso de gêneros literários que formaram o sujeito, seu imaginário e seu processo cognitivo tornando-se um tipo de proposta para a educação formal.

4.1 As artes do Belo e a formação moral

O mundo moderno perdeu a noção mais precisa do que é belo, ele deixou-se invadir pelo feio. O feio está em tudo, desde as vestes que se usa, até nos edifícios que se constroem. Este feio que invadiu todos os campos da sociedade atual se reflete nas próprias artes do belo. E o belo e as artes do belo são os fundamentos que se erguem a alma humana e a razão humana. O resgate do belo se torna um tema fundamental para educação, pois como veremos, a origem da formação moral e intelectual do ser humano passa pelo belo e pelas artes do belo.

Para entendermos as artes do belo Nogué (2018) voltou a Aristóteles e remontou a compreensão de que o homem tem três virtudes ou hábitos intelectuais. As primeiras das virtudes ou hábitos intelectuais é a ciência, é aquele hábito que temos de conhecer por conhecer, para superar a ignorância. Outro hábito que temos é o da prudência, que diz respeito ao agir, ao agir individual ou eticamente, ou agir familiar ao agir social e político. E a última das virtudes é a arte, que se divide em duas: artes servis e artes liberais. Nas artes servis o artista usa do corpo e faz algo material que visa atender ao corpo, por exemplo: o marceneiro que faz uma cadeira. Há também as artes de uso, como medicina e a construção (engenharia). E há artes liberais: lógica, gramática e a aquilo que chamamos artes do belo, pois tem a finalidade de tornar o homem livre, capaz de entender a si e ao mundo. As artes liberais produzem as artes do belo e essa forma a alma humana na direção do justo e do bom. Como formulado por Carlos Nogué “as artes do belo ordenam-se, mediante o belo, a fazer o homem propender ao bom e ao verdadeiro, e mediante o horrendo, a fazê-lo afastar-se do mau e do falso” (NOGUÉ, 2018. p 24).

A primeira consideração é compreender o que é belo. Para que haja o belo⁶ são necessárias três condições: a primeira se revela por meio de que algo tenha integridade, não lhe falte nenhuma das partes que lhe são essenciais, que lhe são necessárias; já a segunda que

⁶A concepção de Belo assumida aqui é o que está disposta na obra *Da Arte do Belo*, de Carlos Nogué (2018), cuja a fundamentação parte da tradição aristotélica-tomista que prefigurou o pensamento escolástico e pensadores neo-tomistas do século XX.

tenha harmonia ou consonância, ou seja, que as partes entre si na construção do todo sejam harmônicas e a terceira é que tenha clareza, algo obscuro é algo que não pode ser belo. Algo para ser belo precisa ter essas 3 características. Dessa forma, compreendemos que aquilo que é feito pelas artes do belo precisam ser belas, mas que nem todas as coisas belas são fruto das artes do belo. Um exemplo é a joalheria que produz coisas belas, mas não é parte das artes do belo. Para entender as artes do belo é necessário defini-las: as artes do belo são artes miméticas que fazem formas significativas que fazem com que a alma humana propenda ao verdadeiro e ao bom, e se afaste do falso e do mal. Formas significantes, quer dizer que aquilo que essas artes imitam fazem-no pela própria forma. (NOGUÉ, 2018, p.p. 18-19) Um exemplo, uma palavra significa algo: cão, em português significa nossa concepção de certo animal. Já em inglês é *dog*, isso quer dizer que se trata de um signo, significativo, mas convencional. Mas, por exemplo, a mais famosa *pietà* de Michelangelo, que através de um efeito ótico, faz com quem veja perceba Maria maior que seu Filho. É mãe que tem seu bebê no colo, a mãe de Deus. A própria composição da estátua vai mostrar a piedade e a maternidade divina por parte de Maria. Isso não se dá pelas palavras, que são signos convencionais, mas a forma que revela o significado. (NOGUÉ, 2018, p.p. 179-190).

As artes do belo distinguem-se entre si pelos meios que usa, pelos modos que usa e por aquilo que imitam, por seus objetos. Artes do belo se dividem em: literatura, teatro, cinema, dança, pintura (desenho), escultura e arquitetura, que é uma arte anfíbia, pois também é uma arte servil, pois ela também serve ao nosso corpo, para o nosso descanso, para a vida familiar, Mas como mostra as igrejas Cristãs, ela é também uma arte do belo, pois são miméticas, significativas e belas, pois tendem a direcionar ao bom e verdadeiro e se a afastar ao mal e ao engano. (NOGUÉ, 2018, p.p.199-200).

Crianças que não se formaram no belo, que não tiveram acesso às artes do belo tem fortes tendências em se tornarem adultos incapazes de tender para o bom, verdadeiro e justo no homem. As artes do belo são fundamentais para educação. Existe uma educação da imaginação que fundamenta e precede a educação formal. A educação começa pela educação da imaginação, anos antes da criança aprender os conteúdos formais, ela precisa ter um estofo imaginativo e moral que sirva de base para as disciplinas. Como afirma Sertillanges (2010), em sua obra vida intelectual: “A educação é o desdobramento da alma”, ou seja, educação, seguindo o pensamento aristotélico-tomista, é pôr para fora, desdobrar, tornar ato, o que já existe em potência na alma humana, mas nada se reduz da potência ao ato se não anterior já em ato. Isso quer dizer que, a criança precisa ver essa potência atualizada em um modelo,

precisa ter acesso, ao menos imaginativo, a essas qualidades humanas já realizadas e isso, as artes do belo são capazes de fornecer.

Isso fica claro com a literatura, por exemplo, em *Ilíada* uma série de personagens corporificam uma série de virtudes e qualidades humanas em altíssimo nível. Um exemplo é Heitor, que de forma heroica, age, fala, vive, e morre. A criança entra em contato com as altas virtudes, isso se torna familiar a ela. Poderá desejar, amar, querer imitar essas virtudes, pois passa a conhecer essas virtudes em um modelo, mesmo que seja imaginativamente, passa a aspirar por eles, e só se aspira algo que se ama e só se ama algo que se conhece. Essas qualidades passam a ser acessíveis a essa criança.

Entre as contribuições que os gregos deram para o campo do pensamento e das artes, se encontra o desenvolvimento do teatro. Segundo Aristóteles (2014), o grande objetivo do teatro era o de incutir compaixão e terror, que é promovido mediante a catarse. A catarse é a purificação das emoções, que purificadas deixam de ser um obstáculo para nossa inteligência, permitindo que ela se direcione ao bom e o verdadeiro, e se afaste do male do falso. As peças teatrais dos grandes dramaturgos gregos foram fundadoras nesse sentido. Tal perspectiva se seguiu no medievo, que além de acrescentar diversas questões ao saber humano, a filosofia e a construção da civilização ocidental, também teve grande importância na constituição do teatro e das artes do belo enquanto tal. Deriva da fase medieval a forma teatral do auto. Um dos gigantes dramaturgos a desenvolver essa forma teatral foi Gil Vicente (1997) em sua obra “O auto da barca do Inferno”. Essa obra é um modelo, pois expressa seu fim último que é propender ao bom e ao verdadeiro.

Contudo, percebe-se que no teatro atual padece de grande decadência, como em todas as artes do belo. Cresce o número de peças teatrais cujo fim não é o bom e o verdadeiro, mas excitar paixões e vontades. Entenda como isso vai contra aquilo que descreve Aristóteles, e também os medievos, pois o teatro perde sua capacidade de catarse, ou seja, essa capacidade de desbloquear o intelecto das paixões, livrá-la daquilo que a impede de buscar o bom e verdadeiro. É romper com as paixões da alma que a aprisionam nas sensações. No entanto, o teatro moderno se dedica a estimular paixões e vícios, o exortando como algo bem quisto e aceite. Até mesmo as encenações de obras clássicas tem tido em suas apresentações que fortalecem aspectos que despertam as paixões do espectador. Um exemplo é a nudez das obras gregas, que utilizada nessas novas encenações servem como distrações, somos desviados do fim e a tendência a concupiscência se fará presente. Essas distrações desviará a almas e se cessem certas potências da alma em virtude de certas paixões. Tais obras perdem o caráter definidor das artes do belo, pois promovem a bestialidade e não ao bom e ao

verdadeiro. Isso deforma o imaginário, não contribuindo para a formação de uma imaginação moral.

Dessa forma, se torna impossível separar as artes do belo desses transcendentais do bem e da verdade, é para isso que elas servem, inclinar as almas humanas para esses transcendentais. Existe uma ideia corrente que a arte tem um fim nela mesma. Não, ela tem uma finalidade primeira que é produzir coisas belas, formas belas, mas ela tem um fim último que é inclinar a alma humana para o bem e para a verdade. Muito daquilo que hoje passa por obra de arte não só não inclina a alma humana para o bom e para verdade, como nem forma bela possui. Nesse sentido, a ciência poética, como busca prof. Carlos Nogué, demonstra que sem arte no sentido verdadeiro a sociedade rui, desmorona, pois, a arte é fundamento de toda educação possível, ela ordena desde o início a caminhada educacional para aquilo que importa: o bem e a verdade (NOGUÉ, 2018, p 19).

4.2 Teoria dos Discursos

Existe embutida nas obras de Aristóteles uma conexão central que passou despercebida por grande parte dos seus comentadores, tendo algum aceno sobre isso nas obras de Avicena e Santo Tomás de Aquino, na qual se percebe uma unidade entre os discursos da poética, retórica, dialética e lógica, que formam uma única ciência do discurso. Esses quatro tipos de discursos teriam um princípio central que, apesar de atuarem em campos diversos, serviriam tanto para a demonstração científica, como para a construção o entendimento da realidade e das produções artísticas. Dessa forma, mais do que simplesmente a demonstração científica, comporiam um tipo de pedagogia aristotélica.

Essa concepção, pode causar estranheza, pois ao longo da história, a partir da modernidade, o fosso que separa a imaginação poética da razão matemática só tem alargado. Alguns comentaristas irão afirmar que a origem do cizânio se dá a partir do decreto de Luís XIV que separava do edifício das “Letras” do edifício das “Ciências”. E ao longo dos últimos séculos tenha culminado na criação de duas linguagens cujos objetos não se comunicam, pois partem de áreas distintas, cada qual tendo sua validade dentro delas mesmos. E nesse enredo, Aristóteles e Descartes foram colocados juntos, como bastiões de uma lógica racionalista e matemática, colocando o estagirita e parte de suas obras como comentários da realidade e não como parte de um processo metodológico cuja finalidade é conduzir o homem a uma compreensão integral da realidade O que seria uma mutilação da produção aristotélica, pois nessa compreensão que se consolidou ao longo da história, a lógica analítica seria o princípio que conduz a produção da ciência, e a dialética seria apenas um resíduo da influência

platônica. Já a retórica tinha valor prático, mais como um manual para o orador e não tendo um princípio teórico, junto com a poética, que deveria ser objeto de literatos e não de filósofos.

Cada forma de discurso, como prevê Aristóteles, necessita de uma disposição de espírito do ouvinte, e isso faz parte da gradação de cada um desses discursos, que culminará na unidade final da ciência dos discursos. Existe um tipo de afunilamento progressivo que nasce das possibilidades e se chega às crenças realmente aceitas e restritas a *práxis* coletiva. Das massas de crenças que nascem do senso comum, somente algumas sobreviveram aos rigores das regras das práticas dialéticas, para então serem demonstradas e ensinadas através da exposição lógica ou analítica. Dessa forma, percebemos que cada um dos discursos está entrelaçado pelo seu antecedente e seu subsequente, disposto em círculos concêntricos que formam a comunicação dos homens com o saber racional possível.

Tal propósito pode ser percebido na Poética de Aristóteles:

Do que foi dito, fica evidente que não é função do poeta realizar um relato exato dos eventos, mas sim daquilo que poderia acontecer e que é possível dentro da probabilidade ou da necessidade. [...] o poeta deve ser mais um criador de narrativas (roteiros) do que de versos, na medida em que é poeta devido à imitação, e esta sua imitação é das ações. Mesmo que sua poesia verse sobre eventos passados, não é por isso que ele é menos poeta, visto nada impedir que alguns eventos possíveis sejam tanto prováveis quanto possíveis, e é com base na probabilidade que o poeta cria a partir deles. (ARISTÓTELES. 2014 p.p. 54-56).

O participante do discurso poético, portanto, coloca provisoriamente suspenso seu juízo de realidade, de forma que possa participar mais diretamente da vivência contemplativa que lhe é proposta. Essa suspensão faz com que se possa apreender mais livremente a essência das coisas. Existe uma participação consentida na vivência contemplativa proposta pelo poeta, e aquilo que é disposto nesse discurso é aceito com enorme força, sem grandes mediações intelectuais, quanto mais afetivo for a vivência desse discurso, mais forte será sua apreensão. Com isso, fica evidente que se deve ter cuidado com as obras artísticas que são apresentadas às crianças e jovens, pois esses autores terão grande influência no acesso ao mundo das letras, na hierarquia de valores e na forma de como de se compreende o mundo.

A Retórica, por sua vez, exige do ouvinte uma atitude mais ativa. Se na poética, o ouvinte é emergido no reino das possibilidades, absorvendo o ouvinte e deixando nele uma marca profunda, no entanto, não tem um caráter tão prático imediato, já na Retórica ele analisa aquilo que é exposto, visando emitir um juízo. O discurso retórico visa uma finalidade particular, não absorve o ouvinte, mas exige dele a compreensão daquilo que é exposto,

fazendo com que o ouvinte queira ou rejeite algo. A verdadeira retórica não quer ludibriar a audiência, mas antes quer orientá-la, tem uma função moral e política e se dá através da responsabilidade.

O discurso dialético, por sua vez é aquele que investiga a verdade e tem seu desenvolvimento nos diálogos platônicos. Será ele, a base para o discurso lógico-analítico, pois o fundamento para esse discurso é a busca da verdade exercida por aqueles que se propõe a investigar algum objeto. Portanto, é necessário que as partes aceitem algumas premissas comuns. O rumo do discurso estará ligado ao ouvinte, diferente dos discursos anteriores, pois a aceitação ou rejeição de premissas levará o raciocínio a diversas conclusões. Para que isso aconteça, o ouvinte precisa seguir a lógica dos argumentos e aceitar como verdadeiras as conclusões que serão logicamente estabelecidas. Além disso, é necessário que tenha um terreno comum onde possa retirar as premissas, dessa forma, é necessário que se tenha um certo grau de cultura e é imprescindível a honestidade intelectual.

E por último, surge o discurso lógico ou analítico, que é a exposição da verdade. Este discurso é demonstrativo e parte das derivações da dialética. Ele dependerá da capacidade do auditório de acompanhar as derivações lógicas apresentadas e, por vezes, alguns discursos só poderão ser realizados em ambientes específicos, por exemplo, a dedução de uma teoria física que exigirá da audiência certa cultura sobre a física para apreensão das premissas que serão apresentadas, aqueles que não estão vinculados a este tipo de linguagem não acompanharão a demonstração a ser feita por esse discurso.

Em todos os discursos é exigido uma escalada epistemológica na teoria do conhecimento de Aristóteles, cuja origem dos conhecimentos partem dos sentidos e são transferidos à memória, imaginação ou fantasia ($\Phiαντασια$), que os agrupa em imagens ($\epsilonικοι$, *eikoi*, em latim: *species, speciei*), conforme suas semelhanças. É sobre essas imagens retidas e organizadas na fantasia, não diretamente sobre os dados dos sentidos, que a inteligência exerce a triagem e reorganização com base nas quais criará esquemas eidéticos, ou conceitos abstratos de espécies, com os quais poderá enfim, construir os juízos e raciocínios. Dessa forma, percebe-se na epistemologia aristotélica que dos sentidos ao raciocínio abstrato existe uma dupla ponte a ser atravessada: a fantasia e a simples apreensão, que capta as noções isoladas e não se consegue chegar ao extrato superior da racionalidade científica sem a intermediação da fantasia e da apreensão simples.

Dessa forma, percebe-se que a teoria dos quatro discursos se harmoniza com a epistemologia aristotélica, o conhecimento racional depende da capacidade do sujeito de

passar pela fantasia e pela simples apreensão. Daí, a sucessão da imaginação poética, da vontade organizadora da retórica e da triagem dialética empreendida na discussão filosófica que aponta para a verdade expressa através da lógica. Essa compreensão perdida na estrutura proposta por Andrônico de Rhodes⁷ deve ser retomada, pois nela se encontra a base de uma questão que ajudaria os sistemas educacionais de ensino a traçar uma proposta metodológica para a educação formal que baseie-se nessa distinção apresentada na teoria dos quatro discursos, que revelaria que há escondido na filosofia aristotélica uma pedagogia que ajuda na compreensão do *logos* da realidade.

A partir do pensamento lógico, que opera a partir dessas estruturas fornecidas pela imaginação é que é possível a dedução lógica dos conceitos. Os conceitos, despontam, dessa forma, como a conquista suprema do pensamento humano, tendo a imaginação um papel de mediação entre a realidade e o pensamento. Se não houvesse essa imaginação, nós humanos não nos diferenciaríamos dos demais animais. A imaginação simplifica os esquemas sensíveis, que uma vez resumida permite ao pensamento agir. Daí, temos a importância da imaginação, pois sem sua mediação essas duas faculdades cognitivas (sentir e pensar) estariam separadas por um abismo. O pensamento lógico não seria possível sem o auxílio dessa faculdade, que por vários séculos tem sido desprezada e abandonada a crianças e loucos: a imaginação.

Ressalta-se aqui um ponto importante para a compreensão da gnosiologia aristotélica, essa concepção vem de sua antropologia, pois o estagirita conceituou o homem como sendo um animal racional, ou seja, animalidade e racionalidade estariam essencialmente ligados na forma humana. Portanto, o processo cognitivo na qual o homem estaria estabelecido seria parte do cumprimento ontológico da passagem da potência em ato. A passagem do conhecimento sensível, para o imaginativo e posteriormente o conhecimento racional ou conceitual não teria cortes, mas seria a efetivação da potência racional que subsiste na forma humana. Estaria implícito nessa atualização da forma humana a depuração abstrativa de captar o inteligível no sensível, é parte da finalidade de existir que ordena e dá realização ao ser humano. Concluindo, assim, que:

⁷Andrônico de Rhodes (fl.c. 60 a.C.) foi um filósofo grego discípulo peripatético e último escolarca do Liceu. A principal contribuição foi a organização dos escritos de Aristóteles e de Teofrasto, a partir do material a ele fornecido por Tirânio. Antes dele, os diálogos de Aristóteles eram largamente conhecidos, mas os tratados tinham sido perdidos na obscuridade. Além de organizar os trabalhos, tudo indica que também escreveu paráfrases e comentários. Comumente foi aceito que o termo metafísica tenha sido criado por ele, para denominar os textos aristotélicos que se seguiram após os textos de física. A compreensão assumida nessa pesquisa que tem por base teórica o livro *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos*, de Olavo de Carvalho (2013), busca revelar uma unidade entre os quatro discursos com uma finalidade pedagógica que entraria em consonância com finalidade formal do ser humano em Aristóteles. Essa perspectiva surge com originalidade e vai além daquilo que foi disposto por Andrônico.

Dessa forma, essa compreensão de Aristóteles sobre o discurso tem muito a nos dizer sobre um modelo cultural que pode ser utilizado no campo da educação e que o discurso poético surge como aquele que propedêutico que possibilitará a existência dos demais conteúdos. Dessa forma, seguindo os pressupostos aristotélicos, compreende-se que uma verdadeira cultura literária, surge como uma maneira eficaz de iniciar o processo pedagógico e entendemos a elaboração de uma educação da imaginação.

4.3 As artes liberais

Vimos até então, neste capítulo, que o contato com as artes do belo é imprescindível para que a alma humana, pois ao se formar nas artes do belo o sujeito tenderá ao bom, justo e verdadeiro. Às artes tem uma finalidade primária, produzir coisas belas, mas também possui uma finalidade última que é desenvolver no homem essas características propriamente humanas. Vimos ainda, que reside em Aristóteles um caminho pedagógico que conduz o ser humano na compreensão da realidade e que se funda em sua essência ontológica. Esse caminho parte da formação da imaginação, pois ela é faculdade da cognição que faz mediação entre as sensações e o pensamento, e que, portanto, o devido cuidado com a imaginação se faz necessário, pois será ela a base de toda a capacidade lógica analítica do ser humano de formular conceitos e chegar ao conhecimento das coisas superiores.

Todavia, é importante ressaltar que desde o período medieval, os modelos pedagógicos elaborados ali já demonstravam cuidado com a formação do imaginário, e nos parece salutar retomar algumas bases da educação do medievo nos tempos atuais, para restabelecemos o verdadeiro sentido da educação que é a formação para maturidade e para que o sujeito possa tender ao bom, belo e verdadeiro, o que foi herdado dos gregos, pela sua *paideia* e que esteve desde o princípio da civilização ocidental, já expressa no desejo de formação que permeou as primeiras escolas da era cristã. Como resalta Ruy Afonso de Costa Nunes, ao tratar da influência da *paideia* no pensamento pedagógico de Clemente de Alexandria: “O ideal de educação do homem completo, bem desenvolvido física e espiritualmente, isto é, amadurecido com auxílio da arte e a colaboração de adultos experientes no pleno exercício das suas potencialidades físicas, intelectuais e morais” (NUNES, 2018, p.86).

Por todo medievo as artes liberais se tornaram as formas de estudos primários e basilares na qual o processo de formação intelectual do sujeito se principiava e antecedia o ingresso do sujeito na Universidade. O sujeito deveria passar por um conjunto de disciplinas que se dividiam entre o *trivium quadrivium*. O *trivium* era composto de gramática (com

poética), retórica (com direito) e dialética ou lógica; já o *quadrivium* era composto por aritmética, geometria (com geografia e história natural), música e astronomia. Essa divisão de disciplinas propedêuticas teve sua primeira aparição no século II, em Alexandria, mais precisamente no ano de 180 com São Patemo, discípulo do grande Clemente de Alexandria, o pedagogo da era apologética do cristianismo. A divisão estabelecida por Patemo previa sete “disciplinas encíclicas” em um programa de estudos denominado *Didaskaleion*, (uma escola catequética dedica aos pagãos convertidos). Essa divisão foi preservada ao longo dos séculos nas escolas de catequese e na disciplina dos mosteiros da patrística, para então, ser utilizada na divisão que remonta às sete artes liberais, que tomaram sua forma definitiva a partir de 800, com às *Capitulares* de Carlos Magno, que junto com Alcuíno irá organizar a escola carolíngia em Aix-en-Chapelle. Esses estudos antecediam o ingresso nas faculdades superiores (Teologia, Direito Canônico e Medicina) (cf. JOSEPH, 2008. p.p.7-9 e NOGUÉ, 2018. p.p.487-489).

Fica claro, portanto, que as disciplinas que compunham o *trivium* tinham a finalidade de prover a mente uma disciplina que se encontra expressa através do correto uso da linguagem, que preparava para o *quadrivium*, ou seja, o estudo da matéria e da realidade. Dessa maneira, como reforça o Cardeal Newman, “a atividade essencial do estudante é relacionar os fatos apreendidos num todo unificado e orgânico, assimilando-os tal como um corpo assimila o alimento” (JOSEPH, 2008, p. 31), ou seja, não é o mero acúmulo de conhecimento, pois isso só o estultifica, mas é a capacidade de usar aquilo que foi apreendido de forma a compreender o mundo e a si mesmo. Ao contrário do que comumente temos hoje no ensino básico, cuja finalidade está ligada a capacitar o sujeito para o ingresso no campo de estudo da especialização ou da função profissional, a finalidade das artes liberais podem ser sintetizadas dessa forma:

As artes liberais, em contraste, ensinam a viver; treinam às faculdades e às aperfeiçoam; permitem a uma pessoa elevar-se acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual, uma vida racional e, portanto, uma vida livre para adquirir a verdade. Jesus Cristo Disse: ‘E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’ (João, 8, 32) (JOSEPH, 2008p.29).

Dessa forma, esse pensamento entra em consonância com aquilo que foi apresentado anteriormente sobre Aristóteles, sobretudo por principiar a atividade de estudo através da compreensão e do desenvolvimento da linguagem, que se opera pelo estudo da gramática, que em seu bojo trazia a poética. O estudante, além da apreensão das regras gramaticais que perpassavam o uso formal da língua, que no medievo era o latim e o grego, também deveria cumprir o estudo de uma lista de livros de poética considerados pilares para compreensão da

realidade. Essa lista passava por grandes poemas, epopeias, relatos históricos e textos bíblicos, passando por autores como Homero, Hesíodo, Ésquilo, Cícero, Heródoto, Varrão e outros. O aluno deveria ler e analisar, por vezes decorando parte de seus trechos, ou apresentando ao seu mestre resenhas sobre o que foi tratado nessas obras.

Essas obras operavam uma ruptura do solipsismo que fechava o sujeito nele próprio, fazendo com que compreendesse os grandes feitos da humanidade e especificidades da alma humana e as virtudes que se deveria aspirar para alcançar a maturidade e a realização, o que de alguma forma, contrasta com modelos educacionais atuais, como destaca o professor Nogué:

O jovem medieval que pudesse e quisesse estudar as Sete Artes capacitava-se para a Sabedoria adquirida efetivamente nas faculdades superiores, ao passo que o jovem atual, sempre obrigado a cursar o ensino primário e o secundário, não se capacita senão a curvar a cerviz a si mesmo enquanto ‘medida de todas as coisas’ e a ocupar certa posição na escala socioeconômica. Não é pois de assombrar que aquele jovem medieval se distinguisse por buscar algo superior a ele mesmo - porque, com efeito, nossa alma só repousa na verdade, enquanto este jovem atual é crescentemente egocentrista, fundado num pretenso saber que não é senão um espelho deformado e idealizado dele mesmo e de suas pobres idiosincrasias. E não é de admirar que então brotassem sábios verdadeiramente universais, como Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino ou São Boa Ventura, enquanto hoje tristemente quase não brotam senão ‘especialistas’ tão especializados, que de fato perdem de vista a universalidade da verdade em que poderiam repousar. (NOGUÉ, 2018, p 488).

Com isso, gostaríamos de apontar que uma possível alternativa para educação formal é de retomar certos aspectos da educação tradicional, utilizando-se da literatura como forma primordial para a formação do imaginário. Uma correta educação da imaginação possibilita que o sujeito em processo de formação alcançasse a compreensão necessária da realidade, entrando em contato com os elementos que seriam fundamentais para a sua compreensão do real. Sem dúvidas, em nossa época o cinema, a televisão, os serviços de *streaming* e a internet exercem um enorme fascínio sobre todos, e mesmo em um mundo tomado pela indústria cultural com o produção da cultura de massas, existem muitas obras boas sendo elaboradas. Não é uma fase de escassez cultural, mas pelo contrário, muita coisa nova está sendo produzida, a questão é separar o joio do trigo, é verificar o que colabora para a formação do imaginário. Todavia, como reforçado por Christoph Türcke (2013), em sua obra *Hiperativos*, aquilo que é apresentado pelos aparelhos de imagens técnicas chama atenção e entorpece o cérebro mais jovem de dopamina, criando o círculo sem fim de dependência e uma cultura que promove uma “epidemia” de hiperatividade e de déficit de atenção. Portanto, o regresso a

literatura, aos clássicos, aos contos de fantasia, de forma que a educação da imaginação seja algo que ocorra quase como uma pré-educação para os conteúdos formais se torna a proposta central desta pesquisa.

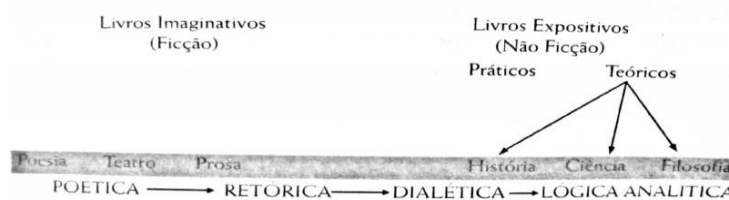
4.4 Gêneros literários e a formação cognitiva

Todas essas perspectivas apresentadas, até então, neste capítulo se coadunam com as percepções e investigação do filósofo da educação Mortimer Adler (2010), que dedicou quase toda a sua vida ao restabelecimento da cultura ocidental através da leitura dos clássicos. Sendo ele responsável pela reforma do currículo da Universidade de Chicago, partindo de uma base mais aristotélico-tomista. Além de influenciar a Miriam Joseph (2013) a retomar a metodologia do *trivium* como preparação para o ingresso na universidade. E dentre suas mais de 50 obras escritas, destacou-se a obra “*Como ler livros: o guia clássico para leitura inteligente*” (É realizações: São Paulo 2010), que junto com Charles Von Doren (2010), apresenta essa obra que é fruto da constatação do baixo nível de leitura e compreensão que os estudantes universitários estadunidenses apresentavam no início da década de 70. Ela é um tipo de manual para a leitura, todavia, para nós importa a divisão de gêneros e níveis de leitura que os autores apresentam, pois essa divisão pode ser absorvida pela educação formal, a fim de pensar o seu desenvolvimento.

Adler e Doren (2010), fizeram uma classificação de gêneros que divide a literatura em dois grandes gêneros: a literatura imaginativa e a literatura expositiva. O primeiro grupo estão contidos a literatura de ficção que se divide em outros subgêneros que são a poesia, teatro e a prosa. Já a literatura expositiva é a literatura de não ficção que pode ser prática ou teórica, e que se divide nos subgêneros da história, ciência e filosofia.

A sequência dos gêneros proposta por Adler e Doren (2010), estabelece um crescendo da poesia a filosofia, cujo os gêneros se entrelaçam formando uma escalada vertical de profundidade nos conteúdos, que ao compararmos com a escalada dos quatro discursos, percebe-se uma sequência na qual os gêneros literários se ligam as formas do discurso humano. José Monir Nasser, na apresentação do livro, apresenta o seguinte esquema, que torna essa exposição mais visível:

Figura 1: Classificação dos livros de acordo com seus gêneros.



Fonte: ADLER, M.J.; VAN DOREN, C. (2010) p. 14

Dessa forma, é representado uma escalada literária que irá permitir certo desenvolvimento da capacidade de apreensão. As leituras irão se tornar cada vez mais complexas e abstratas. E esse caminho é cíclico, pois sempre se retorna novamente a poesia e assim sucessivamente.

O que gostaríamos de propor seria que desde a primeira infância fosse sendo apresentadas as obras imaginativas. A partir do Ensino Fundamental II, deveria ser apresentada biografias, até se chegar nos tratados teóricos de ciência e nas obras de filosofia, cuja a capacidade de abstração é bastante elevada.

Além dos gêneros literários, Adler apresenta 4 níveis de leitura: elementar, averiguativo, analítico e sinóptico. Esses níveis representam uma profundidade crescente na capacidade de entendimento dos textos. Como reforçado pelos autores:

Há quatro níveis de leitura. Nós o chamamos de “níveis” em vez de “tipos” porque estes, estritamente falando, são distintos uns dos outros, enquanto os níveis supõem que os superiores englobem os inferiores, ou seja, os níveis são cumulativos. O primeiro nível não se perde no quarto. O quarto e último nível engloba todos os demais – ele apenas os supera, mas não os anula. (ADLER e DOREN, 2010, p.37).

O nível elementar é o que pode ser chamado de leitura básica ou inicial. Aqui se espera que o sujeito deixou o quadro de analfabetismo, quando se apreende os fundamentos da capacidade de ler. É um nível que é alcançado ainda na educação infantil, e quando não ocorre isso esse indivíduo adentra num quadro de analfabetismo funcional. O que exige-se é a capacidade de se decodificar símbolos escritos. A pergunta que o leitor realiza é o que diz a frase? Decodifica-se o significado, para então entender seu sentido. Os livros e textos, obviamente precisam ser mais básicos, pois a capacidade é mais restrita.

O próximo nível de leitura é o inspeccional, que tem como característica o fator tempo, pois seu objetivo é extrair do texto a maior quantidade possível de um texto no tempo mais curto possível. Perceba que nesse nível não se extrai todo potencial de uma obra. Adler chamará essa fase de pré-leitura do texto. Não é folhear o livro de forma aleatória, mas sim

sistematicamente. Se no nível inspeccional a pergunta feita é o que diz a frase? Já nesse nível ela se torna mais complexa: O livro é sobre o que? Qual a estrutura do livro? Em quais partes o livro está dividido? A leitura inspeccional é algo que se deve fazer em todas as obras antes de fazer realmente a sua leitura, pois ela ajuda na sua compreensão de forma muito mais eficaz.

O terceiro nível de leitura é o nível analítico, uma atividade mais complexa e sistemática do que os dois níveis anteriores. Esse tipo de nível pode exigir mais ou menos do leitor, tudo dependerá da complexidade da obra. Pois, a leitura deve ser a mais completa possível, e o tempo empregado é ilimitado. O leitor formulará diversas perguntas, de acordo com o gênero do livro que está sendo lido. Nesse nível, o leitor deve se afundar no livro até que esse lhe pertença. É ruminar o livro, não deixá-lo até que ele pertença por completo ao leitor. Quanto mais elevado for a capacidade do leitor, mais intenso esse nível se completará. Cada obra exigirá um tempo, um esforço próprio, conforme sua complexidade. O objetivo desse nível é conduzir o entendimento de um estado inferior para um estado superior, o que seria impossível sem o domínio das técnicas analíticas. Dentro da educação formal, esse seria um nível de leitura desejado nos anos finais do Ensino Fundamental, no qual o sujeito estaria entrando em contato com textos teóricos e históricos.

E o quarto e último nível seria a leitura sinóptica. Trata-se do nível mais exigente, mesmo que a complexidade dos livros seja fácil e rudimentar. Esse nível pode ser considerado um tipo de leitura comparativa, pois exige-se a leitura de diversos livros, ordenando-os mutuamente em relação ao assunto sobre o qual todos versam. Esse nível não é a simples comparação, mas é a análise dos conteúdos, de forma que o leitor possa extrair de diversos livros uma versão original, que talvez seja fruto de sua reflexão a partir dos conteúdos primários dessas obras. É uma forma bastante complexa de leitura, mas ao alcançar esse nível o leitor terá uma grande capacidade de entendimento e reflexão. É desejável que ao final do ensino básico o indivíduo seja capaz de alcançar essa habilidade.

É importante ressaltar que esses níveis de leitura podem e devem ser aplicados aos diversos gêneros e subgêneros literários. E que os gêneros não são partes a serem superadas, mas antes, o leitor sempre passará por todos, lendo livros dos diversos gêneros.

Dessa forma, após se compreender a importância da literatura para o desenvolvimento cognitivo do homem, entendemos que esse desenvolvimento deve passar por um método que possibilite que cada vez mais a capacidade de entendimento e reflexão se torne mais complexas e capazes de compreender a realidade. O avanço da capacidade imaginativa fortalece e pode possibilitar uma melhor e maior compreensão do mundo e dos dramas

humanos. E a literatura teria um papel crucial nesse desenvolvimento, sendo imprescindível que a educação formal se é disponha utilize de um currículo para tal.

Para encerrar, Adler e Doren (2010), listaram 137 autores e algumas de suas obras para leitura, que estiveram como referência neste trabalho e se encontra no anexo.

Como é de se esperar, não temos autores de língua portuguesa e nem literatura brasileira, mas essas obras indicadas nos dão uma bela abordagem da civilização ocidental. Todas essas indicações somadas às outras obras e fontes podem dar origem a um tipo de currículo que divida as obras nos diversos segmentos da educação básica, tomando desde a pré-escola até a conclusão do ensino médio, e diversifiquem os gêneros literários, conforme a complexidade dos temas e capacidade esperada em cada segmento de educação. Um currículo literário pensado e bem-disposto, nesse entendimento exposto até aqui, seria umas das principais formas de educação da imaginação, cumprindo com o objetivo da educação de formar pessoas maduras, cuja orientação moral os faça compreender que a realidade está situada em uma ordem e tende para o bom, belo e verdadeiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho tivemos como objetivo analisar como o imaginário formado através da literatura pode contribuir na compreensão da realidade, formando o sujeito na sua dimensão ética e estética, que tenda ao bom, belo e verdadeiro.

Para cumprir esse objetivo buscou-se compreender os aspectos filosóficos que tomam o debate sobre a educação da imaginação relevante para o contexto da educação; revelando a importância da imaginação, qual seu papel para a compreensão da realidade e como a literatura de fantasia pode contribuir para constituição do mundo imaginal. Para então, identificar como a imaginação tem um papel fundamental para compreensão do mundo e como a literatura pode colaborar na capacidade de compreensão da realidade e na formação moral do sujeito; e com isso, compreender como a educação da imaginação, por meio da literatura, pode ampliar a capacidade de compreensão da realidade e como isso pode ser absorvido pela educação formal.

E buscando alcançar esses objetivos, essa pesquisa foi feita conforme os procedimentos bibliográficos, fundamentando-se em autores que buscassem colaborar para compreensão de como as artes e a literatura tem uma função primordial no desenvolvimento moral e cognitivo humano, desenvolvendo o seu mundo imaginal.

Ao longo dos capítulos, foi se desenvolvendo a ideia de como a faculdade da imaginação tem um caráter fundamental para a compreensão do real, sendo mediadora entre a percepção e o pensamento. Através das imagens, ou fantasmas, como afirmou Aristóteles, formados a partir da experiência é que a razão tem os elementos necessários para criar os conceitos e entender mais profundamente a realidade.

Compreendeu-se que a imaginação não é pura fantasia, mas é uma atividade que opera dentro da consciência entre o mundo primário, ou seja, a realidade e o pensamento, fazendo com o ser humano tenha condições de pensar e agir no mundo real.

Assim, o imaginário precisa ser nutrido para que se tenha um desenvolvimento da linguagem que seja suficiente para qualificar e representar a realidade de forma a decodificar a realidade em signos e símbolos. E neste aspecto, a linguagem literária sintetiza e compacta os símbolos de uma cultura e às ideias de um povo. Dessa maneira, a literatura desponta como uma importante maneira de se formar o imaginário, evidenciando um primeiro princípio para educação do imaginário.

Nesse aspecto, começou-se entender que a educação da imaginação é um cuidado com os componentes que formam o mundo imaginal, imagens, símbolos e histórias que vão

compor o mundo imaginativo do sujeito. E para tal, a literatura pode ter um papel fundamental, devido a capacidade narrativa e imaginativa dos textos literários.

No entanto, o imaginário, essa faculdade que nutre a imaginação, é formada a partir das influências que cada sujeito recebe ao longo de seu desenvolvimento. Dessa forma, a imaginação de cada indivíduo é muito variada, podendo ser mais ampla ou estreita. Essa diferença fará com que a imaginação seja mais ou menos eficaz na percepção e compreensão do real. E para agravar esse processo de desenvolvimento do imaginário, nas últimas décadas, cada vez mais se apela para inúmeras técnicas que visam a manipulação das pessoas através dos meios culturais e da publicidade. Além disso, os meios virtuais que produzem a imagem técnica tem cada vez mais alienado e corrompido a capacidade de percepção e atenção humana, através da sua hiperestimulação que provoca a capacidade de atenção e de desenvolvimento da imaginação. Uma vez prejudicado o desenvolvimento da imaginação, todas as outras formas de entendimento do real se tornam distorcidas.

Ainda assim, não é qualquer forma de literatura que irá formar uma imaginação que seja moral, ou seja, uma imaginação que faça o indivíduo compreender que existe um ordenamento natural na realidade e no ser humano, que o eleva das trivialidades da vida humana e de sua pura dimensão instintiva, fazendo com que busque grandes virtudes e tenda para o bom, belo e verdadeiro. Existem tipos de narrativas que demonstram valores, o bem e o mal e ordem natural. Normalmente representados pelos textos que são considerados clássicos.

Dessa forma, o cuidado com a literatura de fantasia escrita e apresentada é imprescindível para a formação da imaginação moral, pois essa não se dá pela apresentação de conceitos abstratos de ética, mas por meio da literatura esses significados que orientam e dão sentido à vida humana são apresentados absorvidos de forma mais atraente e carregados de beleza. Os contos de fadas e a literatura de fantasia são, dessa maneira, um grande meio de formação do imaginário, sendo capaz de gerar um repertório de símbolos e significados muito intensos e correlatos com as grandes virtudes e dons humanos, e também, de demonstrar às paixões e perversidades próprias da natureza humana. Essa literatura, portanto, deve se pautar sempre pela busca do sentido supremo da vida humana, percebendo a partir da transcendência o sentido do eu, revelando nos contos o que Tolkien (2013) chamou de eucatástrofe, ou seja, a derrota final e triunfante do bem sobre o mal. Todos esses componentes desse tipo de literatura teriam uma grande força para a formação moral dos indivíduos, dando a eles elementos imaginativos a que ajudariam no entendimento da realidade e dos dilemas humanos particulares.

Assim, surge a educação da imaginação, ou seja, um cuidado especial para o desenvolvimento do imaginário através do uso da literatura, que bem selecionada, conserva em si os elementos mais essenciais da nossa cultura. Portanto, a proposta dessa pesquisa é que a educação formal tenha especial cuidado para o desenvolvimento da imaginação que recorra aos diversos gêneros literários e níveis de leitura, para que então, os estudantes tenham a capacidade de compreender de forma mais eficaz os diversos conteúdos da educação formal. A educação da imaginação desponta como um tipo de pré-educação que sedimenta o caminho para os diversos conteúdos da educação formal.

Esse processo no qual a compreensão humana sai do seu isolamento solipsista e caminha para a compreensão de si e da essência da realidade que o cerca está descrita na metafísica aristotélica e é parte da forma humana. Portanto, assume-se nessa pesquisa que parte da realização humana passa por esse desenvolvimento cognitivo do ser humano, o tornado de fato, um animal racional, que busca compreender as coisas e tende à uma finalidade última.

Por conseguinte, percebemos que o ideal de educação tomado nesta pesquisa é de que o sujeito se torne maduro, capaz de entender a si e o drama da humanidade, de entender a realidade e seja capaz de fazer escolhas morais que tendem ao bom, belo e verdadeiro. Algo que vem sendo buscado desde a consolidação da paideia grega e atravessou a educação liberal surgida na idade média, com a composição do *trivium* e *quadrivium*, mas que a partir da modernidade tem se perdido e se focado somente na compreensão técnica da realidade, de forma que a educação pareceu basear somente na compreensão mecânica, fazendo dos indivíduos formados doutos, mas não sábios.

A partir disso, buscou-se mostrar como a literatura teve um papel preponderante na consolidação da paideia grega através da influência dos escritos homéricos. Os valores e virtudes daquele povo estavam descritos naqueles heróis relatadas nas poesias homéricas, da mesma forma que os efeitos das paixões e da vida vivida a partir dos instintos e desejos. Dessa forma, conclui-se que um dos principais fatores para o desenvolvimento da civilização grega, que teve grande notoriedade para a história da humanidade e da civilização ocidental, foi a grande qualidade e profundidade da sua literatura. A literatura homérica foi a grande balizadora da construção da paideia e do ideal de homem grego, o que possibilitou a formação de pessoas que tiveram grande genialidade na história. Tornando-se evidente, dessa maneira, como a educação da imaginação através da literatura pode colaborar na educação de indivíduos, para que tenham maior percepção da realidade e compreendam o sentido do ordenamento da realidade e do próprio ser humano.

Todavia, em nossa época, agravam-se elementos culturais e ideológicos que nos afastam de uma percepção moral da realidade, deixando os indivíduos a mercê da própria capacidade de compreender e a dar significado a realidade. A começar por correntes ideológicas progressista, que pregam a ruptura com a tradição e a história humana, não percebendo que elementos culturais criados ao longo da história são um tipo de tecnologia que ajudam o ser humano a enfrentar dos dilemas existenciais. Houveram inúmeros sujeitos do passado, que munidos de genialidade, conseguiram compreender e traduzir melhor o sentido e significado da vida e do que seja humanidade. Desprezar isso é desprezar o que a civilização ocidental produziu para orientar a vida humana. É destituir o imaginário das pessoas de elementos que ajudariam a ordenar a vida moralmente e intelectualmente. A amnésia histórica e o desprestígio pela experiência colaboram com a desorientação moderna e com o naufrágio do imaginário.

Outro fator destacado foi o das diversas doutrinas e técnicas que submergiram no século XX, cuja a finalidade é induzir a sociedade a algum tipo de comportamento. Tais técnicas que foram e são utilizadas por governos e publicitários, parece ter por finalidade embotar a consciência moral e impactam na capacidade imaginativa dos sujeitos. Enfraquecida essas capacidades, a imaginação tende a recair sobre interesses imediatos, o que pode gerar uma insensibilidade moral o que acaba por orientar a massa para os interesses mesquinhos e imediatos, tais como o sexo, dinheiro e fama, afastando, dessa forma, das grandes virtudes e ideais do homem aos transcendentais que se ligam ao bom, belo e verdadeiro. Destruindo seu imaginário e sua cultura o homem se torna presa fácil do controle de grupos que o programa conforme seu ideário. Retirado o senso moral e a objetividade do real, o ser humano se refugia em sua visão fantasiosa, perde sua capacidade de amadurecer-se, torna-se um eterno adolescente conduzido por estímulos e pela excitação dos sentidos. A tradição e os costumes se esvaziam de valor e o desejo individual tornam-se o critério para toda e qualquer ação.

Assim, reforçou-se mais uma vez a importância da constituição de um mundo imaginal mais sólido, o que retorna ao tema da educação da imaginação por meio, sobretudo, da literatura. Um modelo educacional que se orienta por tais princípios, poderia colaborar para uma constituição cultural que minimizem a falta de atenção e a hiperatividade que se tornam tão alarmantes em nossa época.

Todos esses fatores refletem a importância de um educação da imaginação, esse cuidado com desenvolvimento do mundo imaginal, pois se percebe em nossa cultura hodierna os impactos do não cuidado com essa dimensão da inteligência humana.

Assim, conclui-se a importância de todas as artes do belo para educação do sujeito, pois essas artes teriam a capacidade de desdobrar a consciência além de sua percepção mais imediata, elevando as virtudes humanas e ao entendimento da ordem natural da realidade que cerca os sujeitos. Tudo isso, ajudaria o sujeito a perceber aquilo que constitui sua forma humana e sua finalidade na constituição da realidade, que vai além da pura satisfação dos seus desejos mais primários, mas que o lança na sua compreensão ontológica de todas essas realidades. E para esse propósito, entre as artes do belo, desponta a literatura como sendo uma das formas mais fortes de formação do imaginário.

Abordou-se, ainda, que no conjunto das obras aristotélicas subjaz uma unidade entre os tipos de discursos (poética, retórica, dialética e lógica), que teriam um princípio central que era o de apresentar um modelo pedagógico que serviria tanto para a demonstração científica, como para a construção do entendimento da realidade, formando, dessa forma, uma ciência única. Cada forma de discurso necessita de uma disposição do ouvinte, e isso faz parte da gradação de cada um desses discursos, que culminará na unidade final das ciências dos discursos. Seria uma escalada nos níveis de compreensão da realidade que tem seu início na simples compreensão da realidade e que culmina no extrato superior da compreensão da racionalidade científica. Essa atividade necessita de uma educação da imaginação através dos diversos gêneros literários. Tal desenvolvimento que nos parece ter sido mais claro durante a educação no medievo, através da educação liberal, sobretudo nas disciplinas que compunham o *trívium* e o *quadrivium*, mas que foi perdido pela educação moderna e que deve ser estudado e resgatado.

Com isso, conclui-se essa pesquisa integrando esse entendimento da obra aristotélica com aquilo que foi apresentado por Adler e Doren (2010), na qual os diversos gêneros literários apresentam um crescente que nasce da poesia e se chega até a filosofia. Há uma escalada nos gêneros, mas também nos níveis de leitura de cada gênero, que progressivamente vão se tornando mais complexos em cada um dos gêneros literários. Esse caminho tornaria cada vez mais o imaginário complexo e abstrato. Um caminho cíclico que se utilizaria de livros imaginativos e expositivos, de ficção e não ficção.

Tudo isso evidenciará a importância da literatura para o desenvolvimento cognitivo do homem, fazendo com que ele, de alguma maneira, tenha as ferramentas cognitivas necessárias para alcançar sua finalidade ontológica existencial, sendo dessa maneira, formado integralmente, levando em consideração seu desenvolvimento físico e intelectual, amadurecido com o auxílio das artes e de adultos experientes, para que alcance o pleno uso das suas potencialidades físicas, intelectuais e morais. Educação da imaginação por meio da

literatura, seria assim, um estofo no qual todos os outros saberes poderiam se desenvolver e se integrar na unidade da consciência.

Todavia, como toda pesquisa, essa também se depara com enormes limites e novos campos que se abrem para um contínuo trabalho de aprofundamento. Dois pontos que devem ser continuados e melhor detalhados: a primeira é no que trata as artes do belo, como elas tem uma função humanizadora, e, portanto, não devem ser desprezadas no processo de formação dos sujeitos. Além disso, existe a possibilidade de, baseado nas concepções já dispostas por Mortimer Adler, desenvolver um currículo para educação formal que possibilite que essa educação do imaginário seja empregada de forma efetiva na educação, gerando um currículo literário conforme o nível esperado em cada segmento da educação formal, o que já acontece nos Estados Unidos, nas famílias que praticam a educação familiar, mas que na educação formal brasileira é, em grande medida, sonogada.

A reforma e constituição do imaginário foi bastante refletida e realizada com bastante esforço na pesquisa, e quando relacionada com a prática pedagógica, exercida pelo autor dessa dissertação, nota-se a importância e relevância, sendo, portanto, algo que se deve discutir mais na educação. O regresso aos clássicos e voltar naqueles que conseguiram entender a humanidade além da maioria e dispuseram essa percepção através de uma forma bela que é a literatura. Assim, poder continuar na dedicação desse assunto, e talvez, colaborar com a educação e com práticas que se liguem a isso que foi disposto nessa pesquisa seja pertinente ao avanço e reflexão do que foi exposto.

Com isso, espera-se que essa pesquisa tenha apontado para uma pequena dimensão que pode contribuir para as metodologias educacionais utilizadas, sendo ela um princípio de uma pesquisa mais aprofundada que possa culminar na elaboração de uma proposta curricular que contemple o uso dos textos clássicos na educação formal. A educação da imaginação e o uso da literatura são dois temas de profunda relevância para discussão e prática educacional. Diante das práticas pedagógicas e do exercício de lecionar e das inúmeras vivências da carreira pedagógica, foi possível perceber a relevância desses temas para o desenvolvimento pedagógico e humano dos alunos. Por isso, sem pretensão nenhuma de esgotar esses temas, encerra-se essa pesquisa que pretendeu contribuir para lançar algumas sementes sobre a discussão do tema abordado de como a literatura pode contribuir para a educação da imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Mortimer e DOREN, Charles Von. **Como ler livros: o guia clássico a leitura inteligente.** É realizações: São Paulo. 2010.

ARENDDT, Hanna. **A Crise na educação.** In: *Entre o passado e o futuro.* São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 2-14.

ARISTÓTELES. **Poética.** Edipro: Bauru. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENTO XVI. **Discurso ao Parlamento Federal Alemão.** Proferido no dia 22/11/2011.

Disponível em:

https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html Acessado em: 08/01/2018.

BERQUIST, Laura M. **Reading Literature to Reveal Reality,** 2016. Disponível em: <https://www.catholiceducation.org/en/education/chastity-education/reading-literature-to-reveal-reality.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França.** 2012. Rio de Janeiro: Top Books, 2012.

CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CRUZ, Paulo. **C.S. Lewis e a formação do imaginário.** Conventit internacional. São Paulo, v. 14, jan-abr, 2014. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit14/index.htm>. Acesso em: 31 de maio 2018.

DUARTE, Rodrigo. **O Belo Autônomo.** 3ª edição, Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2015.

ESCORSIM, Francisco. **O que é o imaginário?** Disponível em: <http://www.isidorodesevilha.com.br/imaginacao/o-que-e-imaginario/>. Acesso em: 5 de julho de 2018.

GARSCHAGEN, Bruno. **Como salvar a imaginação moral dos seus inimigos.** Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bruno-garschagen/2017/09/18/como-salvar-imaginacao-moral-dos-seus-inimigos/> Acesso em 5 de julho de 2018.

FRYE, Northrop. **A imaginação educada.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

GIL VICENTE. **Auto da Barca do Inferno**. Obra de Domínio Público, 1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00111a.pdf> e acessado em: 5 de março de 2019.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia**: a formação do homem grego. 6ª edição; São Paulo; Editora: Martins Fontes, 2013.

JOSEPH, Ir^a. Miriam. **O Trivium**: As Artes *Liberals da* Lógica, da Gramática e da Retórica. É Realizações: São Paulo. 2008.

KIRK, Russel. **A era de T.S. Eliot: A Imaginação Moral do Século XX**. São Paulo: É Realizações, 2011.

KIRK, Russel. **The Moral Imagination**, 2007. 2018 Disponível em: <http://www.kirkcenter.org/detail/the-moral-imagination>. Acesso em 6 de julho de 2018.

KIRK, Russell. “**Ópio dos Intelectuais**”. *Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura*, vol. XVIII, n. 3, jul/set. 2009, p. 767-90. cit. p. 767-768.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução: José Pinto de Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1980.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia** – Volume Único. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri-SP: Manole, 2005.

NOGUÉ, Carlos. **Da Arte do Belo**. Edições São Tomás: Formosa -GO. 2018.

NUNES, Ruy Afonso da Costa Nunes. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. Kírión: Campinas. 2018.

OZIEWICZ, Marek. **Prolegômenos à Fantasia Mitopoética**. *Communio: Revista Internacional de Teologia e Cultura*, vol. XXVIII, n. 1, jan/mar. 2009, p. 121-149.

PLATÃO. **A República**. Os pensadores. Trad. Enrico Convisieri. São Paulo: Nova Cultural Editora, 1997.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Editora Maria Claret, 2005.

SERTILANGES, A.D. **A Vida Intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos**. Tradução: Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. **A poesia grega como paidéia.** In: *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*:V. 14, N. 21 Jan-Jul (2007). p. 197-213.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Árvore e folha.** WWF Martins Fontes, 2013.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção.** Paz & Terra: Rio de Janeiro/São Paulo. 2013.

ANEXO I

1. Homero: *Ilíada* e *Odisséia*
2. Velho Testamento
3. Ésquilo: *Tragédias*
4. Sófocles: *Tragédias*
5. Heródoto: *História*(das Guerras Persas)
6. Eurípidés: *Tragédias* (especialmente *Medeia*, *Hipólito* e *Bacantes*)
7. Tucídides: *História da Guerra do Peloponeso*
8. Hipócrates: *Textos Médicos*
9. Aristófanes: *Comédias* (especialmente *As Nuvens*, *Os Pássaros*, *As rãs*)
10. Platão: *Diálogos* (especialmente *República*, *Banquete*, *Fédon*, *Mênon*, *Apologia de Sócrates*, *Fedro*, *Protágoras*, *Górgias*, *Sofista*, *Teeteto*)
11. Aristóteles: *Obras* (especialmente *Organon*, *Física*, *Metafísica*, *Da Alma*, *Ética a Nicômaco*, *Política*, *Retórica*, *Poética*)
12. Epicuro: *Carta a Heródoto* e *Carta a Meneceu*
13. Euclides: *Elementos* (de Geometria)
14. Arquimedes: *Obras* (especialmente *Do equilíbrio dos planos*, *Dos flutuantes*, *O Arenário*)
15. Apolônio de Perga: *Sobre as Seções Cônicas*
16. Cícero: *Obras* (especialmente *Orações*, *Da amizade*, *Sobre a Velhice*)
17. Lucrécio: *Sobre a natureza das coisas*
18. Virgílio: *Obras*
19. Horácio: *Obras* (especialmente as *Odes* e as *Epodos*, *A Arte da Poesia*)
20. Lívio: *História de Roma*
21. Ovídio: *Obras* (especialmente as *Metamorfoses*)
22. Plutarco: *Vida dos Nobres Gregos e Romanos*, *Moralia*)
23. Tácito: *Histórias*, *Anais*, *Agrícola* e *Germânia*
24. Nicômaco de Gêrasa: *Introdução à Aritmética*
25. Epicteto: *Discursos* e *Enchiridion*
26. Ptolomeu: *Almagesto*
27. Luciano: *Obras* (especialmente *Sobre o Modo de Escrever História*, *Uma História Verdídica*, *Leilão de Vidas*)
28. MARCO Aurélio: *Meditações*
29. Galeno: *Sobre as FAculdades Naturais*
30. Novo Testamento
31. Plotino: *Enéadas*
32. Santo Agostinho: *Obras* (especialmente *Sobre o Ensino*, *CONFissões*, *Cidade de Deus*, *Doutrinas*)
33. *Canção de Rolando*
34. *Canção do Nibelungo*
35. *Saga Njal*
36. SAnto Tomás de Aquino; *Suma Teológica*
37. Dante de Alighieri: *Obras* (especialmente: *Vida Nova*, *Sobre a Monarquia* e a *Divina Comédia*)
38. Geoffrey Chaucer: *Obras* (especialmente: *Trilo* e *Créssidae*Os *CONTos de Canterbury*)

39. Leonardo Da Vinci: Cadernos
40. Nicolau Maquiavel: O Príncipe e Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio
41. Erasmo de Rotterdam: O Elogio a Loucura
42. Thomas More: Utopia
43. Martinho Lutero: Três Tratados e Conversas à Mesa
44. Nicolau Copérnico: Sobre as Revoluções das Esferas Celestiais
45. François Rebelais: Gargantua e Pantagrue
46. João Calvino: Institutos da Religião Cristã
47. Michel de Montaigne: Ensaios
48. Willian Gilbert: Sobre o Imã e os Corpos Magnéticos
49. Miguel de Cervantes: Dom Quixote
50. Edmund Spenser: ProtálamioeA Rainha das Fadas
51. Francis Bacon: Ensaios, A Evolução do Aprendizado, Nova Organum, Nova Atlântida
52. William Shakespeare: Obras
53. Galileu Galilei: O Mensageiro das Estrelas, Duas Ciências Novas
54. Johannes Kepler: Epítome da Astronomia de Copérnico e Sobre a Harmonia do Mundo
55. William Harvey: Sobre o Movimento do Coração e do Sangue nos Animais. Sobre a Circulação do Sangue e Sobre a Geração dos Animais
56. Thomas Hobbes: O Leviatã
57. René Descartes: Regras para a Direção da Mente, Discurso sobre o Método, Geometria, Meditações sobre a Primeira Filosofia
58. John Milton: Obras (especialmente Poemas Curtos, Areopagita, Paraíso Perdido e Sansão Guerreiro)
59. Molière: Comédias (especialmente O Misanthropo, Escola de Mulheres, O Doente Imaginário e Tartufo)
60. Blaise Pascal: Às cartas da Província, Pensamentos e Tratados Científicos
61. Christian Huygens: Tratado sobre a Luz
62. Espinosa: Ética
63. John Locke: Castas sobre a Tolerância, Dois Tratados sobre o Governo, Ensaio do Entendimento Humano e Pensamentos sobre a Educação
64. Jean Baptiste Racine: Tragédias (especialmente Andrômaca e Fedra)
65. Isaac Newton: PhilosophiaeNaturalis Principia MathematicaeÓptica
66. Leibniz: Discursos Metafísicos, Novos Ensaios sobre o Entendimento HumanoeA Monadologia
67. Daniel Defoe: Robinson Crusoe
68. Jonathan Swift: História de um Tonel, Diário para Stella, Às viagens de Gulliver e modesta Proposição
69. William Congreve: Assim vai o Mundo
70. George Berkeley: Tratado sobre os Princípios do Conhecimento Humano
71. Alexander Pope: Ensaio sobre a Crítica, Rapto da Madeixa e Ensaio sobre o Homem
72. Montesquieu: Cartas Persas, O Espírito das Leis
73. Voltaire: Cartas Filosóficas, Cândido, Dicionário Filosófico
74. Henry Fielding: Joseph Andrews e Tom Jones

75. Samuel Johnson: A Vida dos Desejos Humanos, Dicionário, A História de Rasselas, Príncipe da Abissínia
76. David Hume: Tratado Sobre a Natureza Humana, Ensaio Morais e Políticos, Uma Investigação sobre o Entendimento Humano
77. Jean Jacques Rousseau: Discurso sobre a origem da desigualdade, Discurso sobre a Economia Política, Emílio e O Contrato Social
78. Laurence Sterne: Tristram Shandy Viagem Sentimental através da França e da Itália
79. Adam Smith: Teoria dos Sentimentos Morais e Riqueza das Nações
80. Immanuel Kant: Crítica da Razão Pura, Princípios fundamentais da Metafísica Moral, Crítica da Razão Prática, Doutrina do Direito, Crítica da Faculdade do Juízo e A paz Perpétua
81. Edward Gibbon: Declínio e Queda do Império Romano e Autobiografia
82. James Boswell: Journal e Vida de Samuel Johnson
83. Antoine Lavoisier: Elementos de Química
84. John Jay, James Madison e Alexander Hamilton: O Federalista (também Artigos da Confederação, Constituições dos Estados Unidos e Declaração de Independência)
85. Jeremy Bentham: Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação e Teoria das Ficções
86. Johann Wolfgang von Goethe: Fausto e Poesia e Verdade
87. Jean-Baptiste Joseph Fourier: Teoria Analítica do Calor
88. Hegel: Fenomenologia do Espírito, Princípios da Filosofia do Direito e Filosofia da História
89. William Wordsworth: Poemas (especialmente Lyrical Ballads, Luct Poems e The Prelude)
90. Samuel Taylor Coleridge: Poemas (especialmente Kubla Khan e A Balada do Velho Marinheiro)
91. Jane Austen: Orgulho e Preconceito e Emma
92. Karl von Clausewitz: Sobre a Guerra
93. Stendhal: O Vermelho e o Negro, A Cartuxa de Parma e Sobre o Amor
94. Lord Byron: Don Juan
95. Arthur Schopenhauer: Ensaio sobre o Pessimismo
96. Michael Faraday: A história Química de uma Vela e Pesquisas Experimentais em Eletricidade
97. Charles Lyell: Princípios de Geologia
98. Auguste Comte: Curso de Filosofia Positiva
99. Honoré de Balzac: O Pai Gariote Eugénie Grandet
100. Ralph Waldo Emerson: Homens Representativos, Ensaio e Diário
101. Nathaniel Hawthorne: A Letra Escarlate
102. Alexis de Tocqueville: A Democracia na América
103. John Stuart Mill: Sistemas de Lógica dedutiva e Indutiva, Sobre a Liberdade, Considerações sobre o Governo Representativo, Utilitarismo, A Sujeição das Mulheres e Autobiografia
104. Charles Darwin: A Origem das espécies e A Descendência do Homem
105. Charles Dickens: Obras (especialmente: Às Aventuras do Sr. Pickwick, David Copperfield e Tempos Difíceis)

106. Claude Bernard: Um Introdução ao Estudo da Medicina Experimental
107. Henry David Thoreau: Desobediência Civil e Walden
108. Karl Marx: O Capital e o Manifesto Comunista
109. George Eliot: Adam Bede e Middlemarch
110. Herman Melville: Moby Dick e Billy Budd
111. FiódorDostoiévski: Crime e Castigo, O idiota, Os Irmãos Karamázov
112. Gustave Flaubert: Madame Bovary, Três Histórias
113. Henrik Ibsen: Peças (especialmente: HeddaGabler, Casa de Boneca e O Pato Selvagem).
114. Leon Tolstoi: Guerra e Paz e Anna Karenina
115. Mark Twain:As Aventuras de Huckleberry Finn e o Estrangeiro Misterioso
116. William James: Princípios de Psicologia, Às Variedades da Experiência Religiosa, Pragmatismo e Ensaio do Empirismo Radical
117. Henry James: Os Americanos e Os Embaixadores
118. Friederich Wilhelm Nietzsche: Assim Falou Zaratustra, Além do Bem e do Mal, Genealogia da Moral, Vontade e Potência
119. Jules Henri Poincaré: Ciência e Hipótese e Ciência e Método
120. Sigmund Freud: Interpretação dos Sonhos, Conferências Introdutórias à Psicanálise
121. George Bernard Shaw: Peças (Homem e Super-Homem, Major Barbara, César e Cleópatra, Pigmalião e Santa Joana)
122. Max Planck: Origem e Desenvolvimento da Teoria Quântica, Para Onde Vai a Ciência e Autobiografia Científica
123. Henri Bergson: Tempo e Livre-Arbítrio, Matéria e Memória, A Evolução Criadora e Às duas Fontes da Moralidade e da Religião
124. John Dewey: Como Nós Pensamos, Democracia e Educação, Experiência e Natureza, Lógica - a Teoria da Investigação.
125. Alfred North Whitehead: Introdução à Matemática, Ciência e o Mundo Moderno, Os Fins da Educação e Outros Ensaio e Aventuras das Ideias
126. George Santayana: A Vida da Razão, Ceticismo e Fé Animal e Pessoas e Lugares
127. Lênin: Estado e a Revolução
128. Marcel Proust: Em Busca do Tempo Perdido
129. Bertrand Russell: Os Problemas da Filosofia, Análise da Mente e Uma Investigação Sobre o Sentido e a Verdade
130. Thomas Mann: A Montanha Mágica, José e seus Irmãos
131. Albert Einstein: O significado da Relatividade, Sobre o Método da Física teórica, A Evolução da Física
132. James Joyce: Os Mortos e retrato do Artista Quando Jovem Ulisses
133. Jacques Maritain: Arte e Escolástica, O Graus de Conhecimento, Os Direitos do Homem e a Lei Natural e Humanismo Integral
134. Franz Kafka: O Processo e O Castelo
135. Arnold Toynbee: Um Estudo da História, A Civilização em Julgamento
136. Jean-Paul Sartre: Náusea, Entre Quatro Paredes, O Ser e o Nada.
137. Alexander Soljenítsin: O Primeiro Círculo e Pavilhão dos Cancerosos

138. (Cf. ADLER e DOREN, 2010, p.p. 352-364)